

AS AVENTURAS DE

Alice

NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Lewis Carroll

ILUSTRAÇÕES DE JOHN TENNIEL



AS AVENTURAS DE

Alice

NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Lewis Carroll

ILUSTRAÇÕES DE JOHN TENNIEL



AS AVENTURAS DE

Alice

NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Lewis Carroll

ILUSTRAÇÕES DE JOHN TENNIEL

Tradução:
Sarah Pereira

1ª EDIÇÃO



Todos os direitos reservados

Copyright © 2020 by Editora Pandorga.

Direção Editorial:
Produção Editorial:
Tradução:
Preparação e Revisão:
Diagramação Digital:
Capa:
Ilustrações Originais:

Silvia Vasconcelos
Equipe Editora Pandorga
Sarah Pereira
Jéssica Gasparini Martins
Cristiane Saavedra | Saavedra Edições
Lumiar Design
John Tenniel

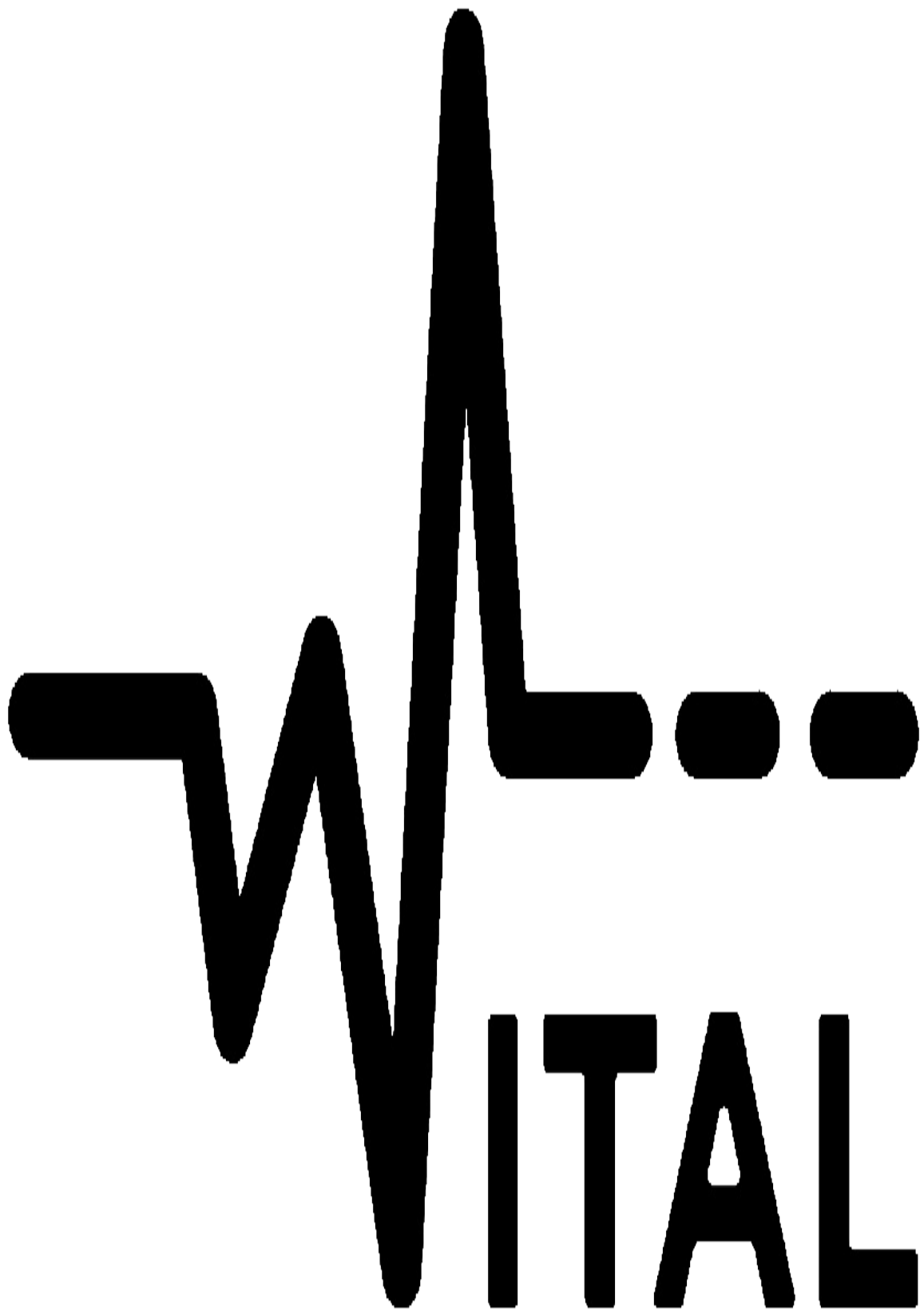
Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)



DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À EDITORA PANDORGA

www.editorapandorga.com.br



Apresentação



Pouco mais de 150 anos de aniversário e ainda amamos ler sobre (ou assistir) as aventuras da garota que caiu no País das Maravilhas. Vários aspectos do livro o tornaram um clássico atemporal, uma história fascinante que alcançou um público muito maior do que as crianças do século 19. Muito se deve ao fato de que Alice no País das Maravilhas foi um ponto de virada na literatura infantil, que antigamente só tinha por função a educação moral. A maioria dos livros ensinava como se comportar e ser a boa criança. Pouco, mas bem pouco mesmo, era produzido voltado aos desejos e imaginação da criança em si. E Lewis Carroll mudou tudo disso.

Alice é uma personagem que dá broncas em adultos, conselhos de boas maneiras e reprime os habitantes do País das Maravilhas por serem indelicados e loucos. Ela entende que adultos não são confiáveis, são incoerentes e, de certa forma, loucos. Temos uma situação reversa: o mundo sob a perspectiva de uma criança.

O motivo pelo sucesso de Alice em várias partes do mundo é mais complexo, mas pode estar relacionado a percepções sobre a essência britânica do livro. O País das Maravilhas tem uma rainha, festas e chás, jogos de croquet e empregados domésticos. Não é à toa que a Disney lhe concedeu o título de princesa e a integrou em seu selecionado rol.

No entanto, as inúmeras interpretações possíveis certamente são um dos grandes motivos da imortalidade da obra. Em uma delas, a história é uma metáfora para uma jornada interior, em direção às vontades incontroladas do subconsciente. Vários personagens perguntam a ela “quem é você?” – e nem sempre ela responde de uma forma clara. Talvez seja uma alegoria a como é difícil crescer, representado pelo despertar literal de Alice no fim da história.

Alice no País das Maravilhas é um exemplo de texto que pode significar o que se quer que ele signifique, dependendo da perspectiva. Contos de fadas sobrevivem

porque são versáteis: eles podem significar coisas diferentes em contextos diferentes. Alice viverá por mais bons 150 anos.

Boa leitura.



Sumário



CAPA

FOLHA DE ROSTO

FICHA CATALOGRÁFICA

APRESENTAÇÃO

CAPÍTULO I: Dentro da toca do Coelho

CAPÍTULO II: A lagoa de lágrimas

CAPÍTULO III: Uma corrida de associados e um longo conto

CAPÍTULO IV: O coelho envia o pequeno Bill

CAPÍTULO V: O conselho da Lagarta

CAPÍTULO VI: Porco e pimenta

[CAPÍTULO VII: A louca festa do chá](#)

[CAPÍTULO VIII: O jogo de croquet da Rainha](#)

[CAPÍTULO IX: A história da Tartaruga Falsa](#)

[CAPÍTULO X: A Quadrilha de Lagosta](#)

[CAPÍTULO XI: Quem roubou as tortas?](#)

[CAPÍTULO XII: O depoimento de Alice](#)

[CURIOSIDADES](#)

[CONFIRA NOSSOS CLÁSSICOS](#)

[PANDORGA](#)



*Juntos, naquela tarde dourada,
Deslizávamos pelo rio devagar;
Pois pequenos braços, ineptos,
Iam os remos a manobrar,
Enquanto mãozinhas fingiam
O percurso do barco indicar.*

*Ah! Cruéis Três! Logo agora,
Sob um tempo tão sonhador,
Implorar uma história a alguém de sopro tão fraco
Que sequer a menor pena pode mover!
Ainda assim,o que essa voz fraca pode valer
Contra três línguas juntas?*

*Imperiosa, a primeira decreta:
“Começa já” ...
Em tom mais gentil, a secunda deseja:
“Que seja um nonsense absoluto”
Enquanto a terceira interrompe com palpites
Pelo menos uma vez a cada minuto.*

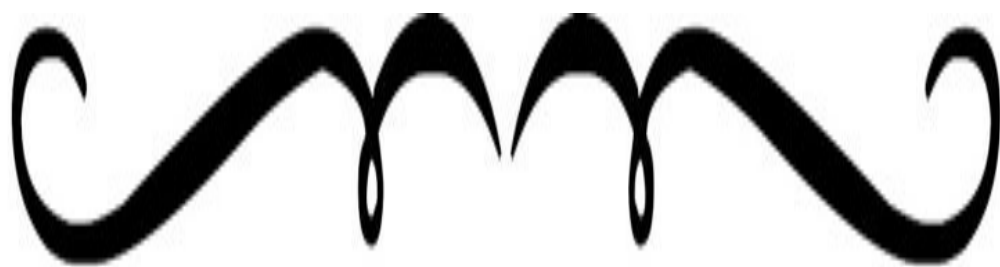
*Logo, tomadas por silêncio súbito,
Em fantasia elas vão seguindo
A personagem se movendo por seu destino
De maravilhas novas e selvagens,
Tagarelando com todo tipo de animal pelo caminho –
O trio até acredita que parte seja verdade.*

*E sempre que a história esgotava
Os poços de fantasia,
Eu francamente cansado insinuava
Deixar para outro dia:
“O resto, para depois...” “Mas já é depois!”
Três vozes esperneavam em alegria.*

*Assim cresceu o País das Maravilhas:
Assim, um por um, lentamente,
Seus eventos pitorescos foram elaborados
E agora o conto está acabado,
E voltamos para casa, sob o sol poente.*

*Alice! Aceite essa história infantil,
Com uma mão gentil
Guarde-a onde os sonhos da infância são entrelaçados
Na banda mística da Memória
Como a guirlanda de flores murchas que
A cabeça dos peregrinos adorna,
De uma terra longínqua arrancada.*





CAPÍTULO I

Dentro da toca do Coelho



Alice estava começando a ficar muito entediada por permanecer na colina, sentada no banco ao lado de sua irmã, e de não ter nada para fazer. Ela havia espiado o livro que a irmã estava lendo uma vez ou outra, mas ele não possuía imagens ou diálogos. “E pra que serve um livro sem figuras ou falas?” penso u Alice.

Assim, ela considerava em sua própria mente (o melhor que podia, porque o dia quente a fez se sentir bastante sonolenta e boba) se o prazer de fazer uma guirlanda de margaridas valeria o esforço de levantar-se e colhê-las, quando de repente, um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passou correndo por ela.

Não havia nada tão extraordinário nisso, e Alice não achou assim tão esquisito ouvir o Coelho dizer para si mesmo:

— Oh poxa, Oh poxa, chegarei atrasado!

Quando ela pensou nisso mais tarde, lhe ocorreu que deveria ter se maravilhado com isso, mas na hora tudo parecia bastante natural. Porém, quando o Coelho na verdade tirou um relógio de bolso do seu colete, o analisou, e então se apressou, Alice ficou de pé rapidamente, porque passou por sua mente que ela nunca antes havia visto um coelho com um bolso no colete, e muito menos com um relógio para tirar dali, e, ardendo de curiosidade, correu atrás dele pelo campo, bem a tempo de vê-lo pular dentro de uma grande toca debaixo de uma cerca-viva.

Imediatamente, Alice foi atrás dele, sem sequer pensar em como conseguiria sair dali depois.

A toca do coelho seguia como um tipo de túnel e então subitamente afundava, tão de repente que Alice não teve um segundo para pensar em parar antes de se encontrar despencando em um poço que parecia bastante profundo.

Ou o poço era bastante profundo, ou ela caía muito lentamente, porque, conforme caía, teve bastante tempo para olhar ao redor, e para se perguntar o que aconteceria em seguida. Primeiro, tentou olhar para baixo e decifrar o que viria, mas estava muito escuro para enxergar qualquer coisa. Então olhou para os lados do poço e reparou que estavam cheios de armários e estantes; ela viu mapas e imagens penduradas por pregos aqui e ali.

Enquanto passava, retirou um pote de uma das estantes que estava rotulada “geléia de laranja”, mas para seu grande desapontamento, estava vazio. Ela não gostaria de derrubar o pote por medo de matar alguém lá embaixo, então conseguiu colocá-lo dentro de uma das estantes conforme passou por ali.

“Bem”, Alice pensou, “depois de uma queda como essa, despencar escada abaixo não há de ser nada! Eles me acharão muito corajosa em casa! Ora, eu não diria nada sobre isso, mesmo se eu caísse do telhado da casa!” (O que era muito provável na verdade).

Caindo, caindo, caindo. Essa queda nunca iria chegar ao fim?

— Quantos quilômetros terei caído até agora? — disse em voz alta. — Devo estar chegando em algum lugar próximo do centro da Terra. Deixe-me ver: isso deve ser mais de seis mil quilômetros de profundidade, eu acho... — Alice havia aprendido várias coisas desse tipo em suas lições na sala de aula e pensou que essa não era uma oportunidade muito boa para exhibir seu conhecimento, já que não havia ninguém para ouvi-la, mas ainda era bom praticar várias vezes. — Sim, essa é mais ou menos a distância correta. Mas então eu me pergunto qual a

latitude e a longitude que deverei estar? — Alice não tinha a mínima ideia do que era latitude, ou mesmo longitude, mas pensou que eram palavras muito agradáveis de se dizer.

E continuou:

— Será que vou atravessar a Terra?! Quão engraçado seria sair entre as pessoas que andam de cabeça para baixo! Os Antipatias, acredito eu... — Desta vez ela estava contente por não haver ninguém ouvindo, porque a palavra não soava certa — mas terei que perguntar-lhes qual é o nome do país, você sabe. Por favor, senhora, aqui é a Nova Zelândia? Ou a Austrália? — E tentou fazer uma reverência enquanto falava. Imagine, enquanto se está caindo pelos ares! Você acha que conseguiria?

— E que garotinha ignorante, ela vai pensar que sou por perguntar! Não, nunca é necessário perguntar: talvez eu o veja escrito em algum lugar.

Caindo, caindo, caindo. Não havia mais nada a fazer, então Alice logo começou a falar novamente:

— Eu acho que Dinah sentirá minha falta esta noite! — Dinah era a gata. — Espero que se lembrem do seu pires de leite na hora do chá. Dinah, minha querida! Receio que não haja ratos no ar, mas você poderia pegar um morcego e, você sabe, isso é muito parecido com um rato. Mas será que os gatos comem morcegos?

E aqui, Alice começou a ficar um pouco sonolenta e continuou dizendo para si mesma, de um modo sonhador:

— Gatos comem morcegos? Gatos comem morcegos? — E às vezes: — Os morcegos comem gatos?

Pois, perceba, como ela não conseguiria responder a nenhuma das perguntas, não importava muito como ela as fazia. Ela sentiu que estava cochilando, e tinha começado a sonhar que estava andando de mãos dadas com Dinah, e lhe dizia sinceramente: “Agora, Dinah, diga-me a verdade: você já comeu um morcego?”, quando de repente... Plaft! Ela caiu sobre uma pilha de gravetos e folhas secas. A queda terminou.

Felizmente, não não se machucou nem um pouco e logo ficou de pé. Olhou para cima, mas estava tudo escuro; diante dela havia outra longa passagem, e o Coelho Branco ainda estava à vista, correndo por ela. Não havia um segundo a ser perdido: Alice correu como o vento e chegou a tempo de ouvi-lo dizer, quando virou uma esquina:

— Oh, por minhas orelhas e bigodes, como está ficando tarde!

Ela estava bem atrás dele quando dobrou a esquina, mas já não havia sinal do Coelho Branco. Percebeu, então, que estava em um salão comprido e baixo, iluminado por uma fileira de lâmpadas penduradas no teto. Havia portas por todo o salão, mas todas estavam trancadas; depois de ter andado de um lado para o outro tentando abrir cada uma, caminhou tristemente para o meio, imaginando se conseguiria sair daquele lugar.

Subitamente, ela se deparou com uma mesinha de três pernas toda feita de vidro maciço; nela, não havia nada além de uma minúscula chave de ouro. A primeira ideia de Alice foi que poderia pertencer a uma das portas do salão, mas... Ah! Ou

as fechaduras eram muito grandes ou a chave era muito pequena, mas de qualquer forma não abriria nenhuma delas.



Porém, na segunda vez, deparou-se com uma cortina baixa que não havia notado antes, e atrás dela havia uma portinha de cerca de quarenta centímetros de altura. Ela experimentou a chave de ouro na fechadura e, para sua grande alegria, se encaixava! Alice abriu a porta e descobriu que levava a uma pequena passagem, não muito maior do que um buraco de rato. Ajoelhou-se e, olhando pelo buraco, avistou o jardim mais lindo que já tinha visto em sua vida.

Como desejava sair daquele salão escuro e passear por entre aqueles canteiros de belíssimas flores e aquelas fontes de água fresca! Mas ela não conseguia sequer passar a cabeça pela porta. “E mesmo que minha cabeça passasse, pouco adiantaria sem meus ombros. Oh, como eu queria poder me encolher como um telescópio! Acho que poderia, se eu soubesse como começar”, pensou Alice. Pois, veja bem, tantas coisas incomuns haviam acontecido ultimamente que Alice começou a pensar que raríssimas coisas eram realmente impossíveis.

Parecia não haver motivo para esperar perto da pequena porta, então voltou para a mesa, torcendo para encontrar outra chave, ou um livro de instruções para encolher pessoas. No entanto, ela encontrou uma garrafinha sobre a mesa:

— Certamente isso não estava aqui antes — falou Alice.

Amarrada em volta do gargalo havia uma etiqueta de papel com as palavras “beba-me” lindamente impressas em letras grandes. Tudo bem estar escrito “Beba-me”, mas a pequena e sábia Alice não faria isso às pressas:

— Não, primeiro vou olhar — disse ela —, e ver se está marcado “veneno” ou não. — Pois ela lera várias histórias divertidas sobre crianças que foram queimadas e devoradas por bestas selvagens e outras coisas desagradáveis, tudo

porque não se lembravam das regras simples que seus amigos lhes haviam ensinado, como por exemplo, que um atizador de fogo em brasa o queimará se você o segurar por muito tempo, e que se cortar o dedo profundamente com uma faca, geralmente sangra; e ela nunca havia se esquecido de que se você bebe muito de uma garrafa marcada como “veneno”, é quase certo que lhe fará mal, mais cedo ou mais tarde.



No entanto, essa garrafa não estava marcada como “veneno”, então Alice se arriscou a prová-la e achou muito bom (de fato, tinha uma espécie de sabor misto de torta de cereja, creme, abacaxi, peru assado, caramelo e torradas com manteiga quente) e ela logo bebeu tudo.

— Que sensação curiosa! — disse Alice. — Devo estar encolhendo como um telescópio.

E estava mesmo: ela agora tinha apenas vinte e cinco centímetros de altura e seu rosto se iluminou com a ideia de que chegara ao tamanho certo para atravessar a portinha do jardim encantador. Primeiro, porém, ela esperou alguns minutos para ver se iria encolher ainda mais: sentia-se um pouco nervosa com isso, “pois pode acabar, você sabe, comigo desaparecendo completamente, como uma vela. Como deve ser, então?”. E tentou imaginar como seria a chama de uma vela depois que se apagasse, pois não conseguia se lembrar de ter visto uma coisa dessas.

Depois de um tempo, descobrindo que nada mais aconteceu, ela decidiu entrar no jardim imediatamente; mas, ai da pobre Alice! Quando chegou à porta, percebeu que havia esquecido a pequena chave de ouro e, quando voltou para a mesa, descobriu que não podia alcançá-la: podia vê-la claramente através do vidro, e tentou ao máximo subir em uma das pernas da mesa, mas era muito escorregadia e, quando se cansou de tentar, a coitadinha sentou-se no chão e chorou.

“Vamos, não adianta chorar assim!”, Alice disse asperamente para si mesma. “Aconselho que pare neste minuto!”, ela geralmente se dava bons conselhos (embora raramente os seguisse) e às vezes se repreendia com tanta severidade que provocava lágrimas nos olhos. Uma vez, lembrou-se de ter tentado puxar as próprias orelhas por ter se enganado em um jogo de croquet que estava jogando

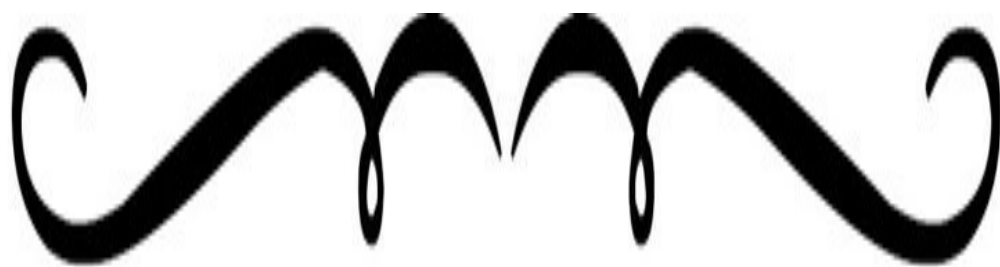
contra si mesma, pois essa criança curiosa gostava muito de fingir ser duas pessoas. “Mas não adianta agora,” pensou a pobre Alice, “fingir ser duas pessoas! Ora, mal sobra alguma coisa de mim para fazer uma única pessoa apresentável!”

Logo seus olhos perceberam uma caixinha de vidro que estava debaixo da mesa: ela a abriu e encontrou um bolo muito pequeno, no qual as palavras “coma-me” estavam lindamente escritas em groselha.

— Bem, irei comê-lo — disse Alice —, se me fizer crescer, posso alcançar a chave; e se me fizer encolher, posso rastejar por baixo da porta; então, de qualquer forma, irei entrar no jardim e não ligo para o resultado!

Comeu um pedacinho, e disse para si mesma, aflita, “Para cima ou para baixo? Para cima ou para baixo?”, com a mão sobre a cabeça para sentir em que direção estava indo, ficando muito surpresa ao verificar que continuava do mesmo tamanho: não há dúvida de que isso geralmente acontece quando se come bolo, mas Alice tinha se acostumado tanto a esperar só coisas esquisitas acontecerem que lhe parecia muito sem graça e maçante que a vida seguisse da maneira habitual.

Então ela começou os trabalhos e rapidamente terminou o bolo.



CAPÍTULO II

A lagoa de lágrimas





— Cada vez mais esquisitíssimo! — exclamou Alice. E ela ficou tão surpresa que, por um momento, se esqueceu de como falar corretamente. — Agora estou espichando como o maior telescópio que já existiu! Adeus, pés! — (Pois quando ela olhou, eles pareciam quase sumir de vista porque estavam muito distantes). — Oh, coitadinhos, imagino quem calçará seus sapatos e meias agora, queridos? Tenho certeza de que não poderei! Estarei longe demais para me incomodar com vocês, arranjem-se da melhor maneira possível... Mas devo ser gentil com eles, ou talvez eles não sigam o caminho que quero seguir! Deixe-me ver: lhes darei um novo par de botas todo Natal.

E ela continuou planejando como faria isso. “Eles devem ir pelo correio,” pensou ela, “e que engraçado será, enviar presentes para os próprios pés! E como o endereço vai parecer estranho!”

Exmo. Sr. Pé Direito da Alice,

Tapete junto à lareira

Perto do guarda-fogo,

(Com o amor da Alice)

— Ai, Deus, que bobagem estou falando!

Nesse exato momento, sua cabeça bateu contra o teto do salão: na verdade, agora que ela tinha quase três metros de altura, imediatamente pegou a pequena chave de ouro e correu para a porta do jardim.

Pobre Alice! O máximo que conseguiu fazer para olhar para o jardim com um olho só foi deitar-se de lado, mas passar era mais impossível do que nunca. Ela sentou-se e começou a chorar de novo.

— Você deveria sentir vergonha de si mesma — Alice falou —, uma garota grande como você — ela podia dizer isso —, continuar chorando dessa maneira! Pare agora, eu estou mandando! — Mas ela continuou do mesmo jeito, derramando galões de lágrimas até que havia uma grande lagoa ao seu redor, com cerca de dez centímetros de profundidade e que se estendia até metade do salão.

Depois de um tempo, ouviu um leve tamborilar de passos ao longe e secou os olhos às pressas para ver o que estava por vir. Era o Coelho Branco retornando, esplendidamente vestido, com um par de luvinhas brancas em uma mão e um grande leque na outra. Ele veio trotando com muita pressa, murmurando para si mesmo: “Oh, a Duquesa, a Duquesa! Oh! Quão furiosa ela ficará se a fizer esperar?”

Alice estava tão desesperada que estava pronta para pedir ajuda a qualquer um. Assim, quando o Coelho Branco se aproximou, ela começou em voz baixa e tímida:

— Por gentileza, senhor...



O Coelho se assustou violentamente, derrubou as luvinhas brancas e o leque, e escapuliu para a escuridão com a maior rapidez que pôde.

Alice pegou o leque e as luvas, e como estava muito calor no salão, continuou se abanando sem parar e continuou falando:

— Deus, Deus! Como tudo está estranho hoje! E ontem as coisas aconteceram como de costume. Eu me pergunto se mudei de noite. Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei esta manhã? Eu quase lembro de me sentir um pouco diferente. Mas, se não sou a mesma, a próxima pergunta é: quem raios sou eu? Ah, esse é o grande quebra-cabeça!

E ela começou a pensar em todas as crianças que conhecia, que tinham a mesma idade que ela, para ver se poderia ter sido mudada por alguma delas.

— Tenho certeza de que não sou Ada — explicou —, pois seu cabelo tem cachos tão longos e o meu não fica com cachos. E é claro que não posso ser Mabel, porque sei todo tipo de coisa, e ela, oh! Ela sabe muito pouco! Além disso, ela é ela, e eu sou eu, e, oh! Deus, como tudo isso é intrigante! Vou testar para ver se sei todas as coisas que costumava saber. Deixe-me ver: quatro vezes cinco é doze, quatro vezes seis é treze, e quatro vezes sete é... ai, Deus! Nunca chegarei a vinte nesse ritmo! No entanto, a tabuada de multiplicação não importa; vamos tentar Geografia. Londres é a capital de Paris, e Paris é a capital de Roma, e Roma... não, está tudo errado, tenho certeza! Devo ter sido trocada por Mabel! Vou tentar recitar “Como pode o crocodilo...” — e ela cruzou as mãos no colo, como se estivesse dando lições, e começou a recitá-las, mas sua voz soou rouca e estranha, e as palavras não saíam como costumavam:

*Como pode o crocodilo
Fazer sua cauda luzir,
Borrifando a água do Nilo
Que dourada vem cair?*

*Sorriso largo, vai nadando,
E de manso, enquanto nada,
Os peixinhos vai papando
Co'a bocarra escancarada!*

— Tenho certeza de que essas não são as palavras certas — falou a pobre Alice, e seus olhos novamente se encheram de lágrimas enquanto prosseguia. — No final das contas, devo ser Mabel, e terei que morar naquela casinha apertada, onde quase não há brinquedos para brincar, e oh! Serão tantas lições para aprender! Não, já me decidi: se sou a Mabel, ficarei aqui embaixo! Não vai adiantar nada eles encostarem suas cabeças no chão e pedirem ‘Volte para cá, querida!’ Vou simplesmente olhar para cima e dizer ‘Então quem sou eu? Primeiro me digam; aí, se eu gostar de ser essa pessoa, eu subo; se não, fico aqui embaixo até ser alguma outra pessoa’... Mas, ai, ai! — exclamou Alice numa súbita explosão de lágrimas. — Queria muito que encostassem a cabeça no chão! Estou tão cansada de ficar assim sozinha aqui!”

Ao dizer isso, ela olhou para as mãos e ficou surpresa ao ver que havia colocado uma das luvinhas brancas do Coelho enquanto falava. “Como posso ter feito isso?”, pensou. “Devo estar ficando pequena novamente.” Ela se levantou e foi até a mesa para se medir, e descobriu que, tanto quanto podia calcular, agora tinha sessenta centímetros e continuava encolhendo rapidamente. Logo descobriu que a causa disso era o leque que estava segurando e o soltou às

pressas, bem a tempo de se impedir de encolher completamente.

— Essa foi por pouco! — exclamou Alice, bastante assustada com a mudança repentina, mas muito feliz por ainda estar existindo. — E agora, para o jardim! — E correu com toda a velocidade de volta para a portinha. Mas, ai que pena! A portinha foi fechada novamente e a pequena chave de ouro estava sobre a mesa de vidro como antes. “As coisas estão piores do que nunca”, a pobre criança pensou, “pois nunca fui tão pequena assim antes, nunca! E eu declaro que isso é muito ruim, isso é!”



Enquanto ela dizia essas palavras, seu pé escorregou e logo em seguida, splash! Estava com água salgada até o queixo. Seu primeiro pensamento foi que, de alguma forma, havia caído no mar, “e nesse caso, posso voltar de trem”, disse a si mesma. Alice já esteve no litoral uma vez na vida e chegou à conclusão geral de que, onde quer que se vá na costa inglesa, encontrará várias máquinas de banho no mar, algumas crianças cavando na areia com pás de madeira, depois, uma fileira de hospedarias e, atrás delas, uma estação ferroviária. Todavia, ela logo percebeu que estava na lagoa de lágrimas que havia chorado quando tinha quase três metros de altura.

— Gostaria de não ter chorado tanto! — declarou Alice, enquanto nadava tentando encontrar uma saída. — Serei punida por isso agora, suponho, sendo afogada em minhas próprias lágrimas! Isso será uma coisa estranha, com certeza! Porém, tudo está estranho hoje.

Foi então que ouviu algo espadanando água na lagoa um pouco adiante, e nadou mais perto para entender o que era. A princípio, pensou que devia ser uma morsa ou um hipopótamo, mas depois lembrou-se de como agora estava pequena, percebeu logo que era apenas um rato que escorregou na água como ela.



“Seria útil agora,” pensou Alice, “falar com este rato?”. Tudo está tão errado aqui embaixo, que acho que é provável que possa falar. De qualquer forma, não há mal em tentar. Então ela começou:

— Ó, Rato, sabe como se faz para sair desta lagoa? Estou muito cansada de nadar por aqui, ó, Rato!

Alice pensou que esta deveria ser a maneira correta de falar com um rato. Ela nunca havia feito isso antes, mas lembrava-se de ter visto na Gramática Latina de seu irmão: “Um rato – de um rato – para um rato – a rata – ó rato!”. O Rato olhou-a de maneira bastante inquisitiva e pareceu piscar com um de seus olhinhos, mas não disse nada.

“Talvez não entenda minha língua”, pensou Alice, “atrevo-me a dizer que é um rato francês, vindo com Guilherme, o Conquistador”. Pois, com todo o seu conhecimento da história, Alice não tinha uma noção muito clara de há quanto tempo qualquer coisa havia acontecido. Então ela começou novamente:

— Où est ma chatte¹? — Que foi a primeira frase do livro das aulas de francês. O Rato deu um pulo repentino na água e parecia tremer de medo. — Oh, desculpe-me! Quase esqueci de que você não gosta de gatos. — Alice exclamou apressadamente, com medo de ter ferido os sentimentos do pobre animal.

— Não gostar de gatos?! — o Rato bradou com uma voz estridente e exaltada.
— Você gostaria de gatos se fosse eu?

— Bem, talvez não — Alice replicou em um tom tranquilizador. — Não fique com raiva disso. Mesmo assim, gostaria de poder lhe mostrar a nossa gata Dinah. Acho que você simpatizaria com gatos se ao menos a visse. Ela é uma coisinha tão querida e tranquila — continuou Alice, mais para si mesma, enquanto nadava preguiçosamente pela lagoa, — e ela se senta ronronando tão agradavelmente perto da lareira, lambendo as patas e limpando o rosto. Ela é um bichinho muito macio de se embalar nos braços. E é incrível para capturar ratos. Oh, peço perdão! — Alice exclamou de novo, pois desta vez o Rato estava todo eriçado, e ela tinha certeza de que devia estar realmente ofendido. — Não falaremos mais sobre ela, se você preferir.

— Não mesmo! — chiou o Rato, que tremia até a ponta de sua cauda. — Como se eu falasse de um assunto desse! Nossa família sempre odiou gatos: coisas desagradáveis, baixas e vulgares! Não me deixe ouvir esse nome novamente!

— Pode estar certo que não! — respondeu Alice, com grande pressa para mudar o assunto da conversa. — Você tem... você tem afeição... por... por cachorros? — O Rato não respondeu, então Alice continuou animada. — Há um cachorrinho tão legal perto de nossa casa que eu gostaria de mostrar a você! Um pequeno terrier de olhos brilhantes, você sabe, com, oh! pelos castanhos tão longos e encaracolados! E vai buscar coisas quando você as joga, e se senta implorando pelo jantar, e todo tipo de coisa (não me lembro da metade delas), e pertence a um fazendeiro, você sabe, que diz que é tão útil que vale cem libras! Ele diz que mata todos os ratos e... oh, Deus! — Alice bradou em um tom lamentável. — Receio ter lhe ofendido novamente! — Pois o Rato estava nadando para longe dela o mais rápido que podia, e fazendo grande rebuliço na lagoa.

Então, ela o chamou suavemente:

— Rato, querido! Volte e não falaremos sobre cães ou gatos, se não gostar deles!

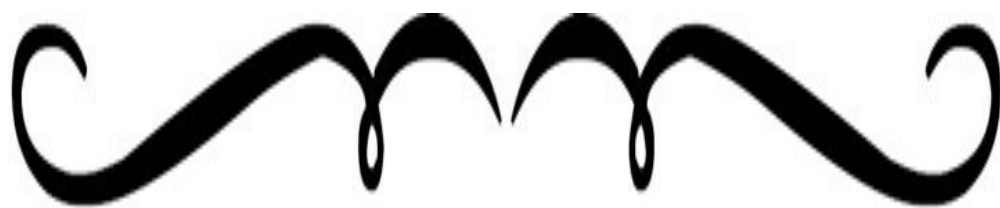
Quando o Rato ouviu isso, virou-se e nadou lentamente de volta para ela: seu rosto estava muito pálido (de emoção, Alice pensou), e disse em voz baixa e trêmula:

— Vamos para a margem, e depois vou lhe contar minha história. Assim, você entenderá por que odeio cães e gatos.

Já era hora de partir, pois a lagoa estava ficando cheia de pássaros e animais que tinham caído nela: havia um pato, um dodô, uma arara e uma águia, além de várias outras criaturas curiosas. Alice liderou o caminho e toda a festa nadou até a margem.

1 Expressão em francês que significa “Onde está minha gata?”. (N. do E.)





CAPÍTULO III

Uma corrida de associados e um longo conto



Parecia mesmo um grupo estrambótico o que se reuniu na margem: os pássaros com penas arrastadas, os animais com o pelo grudado no corpo e todos pingando, ensopados e desconfortáveis.

A primeira pergunta, claro, era como se secar novamente. Confabularam sobre isso e, depois de alguns minutos, pareceu bastante natural para Alice encontrar-se conversando intimamente com eles, como se os conhecesse a vida inteira. Na verdade, ela teve uma longa discussão com a Arara, que acabou emburrada e só dizia: “Eu sou mais velha do que você então sei melhor”, e isso Alice não permitiria, sem saber quantos anos ela tinha. Como a Arara se recusava categoricamente a contar sua idade, não havia mais o que dizer.

Por fim, o Rato, que parecia ser uma pessoa com alguma autoridade entre eles, gritou:

— Sentem-se, todos vocês, e escutem-me! Logo farei vocês secarem o suficiente! — Todos se sentaram ao mesmo tempo, em um grande círculo, com o Rato no meio. Alice manteve os olhos ansiosamente fixos nele, pois tinha certeza de que pegaria um resfriado forte se não se secasse logo.

— Ham! — fez o Rato com um ar importante. — Vocês estão prontos? Esta é a coisa mais seca que conheço. Silêncio por toda parte, por favor! “Guilherme, o Conquistador, cuja causa foi apoiada pelo papa, foi logo rendido pelos ingleses que desejavam líderes e que ultimamente estavam muito acostumados à usurpação e conquista. Edwin e Morcar, os condes da Mércia e da Nortúmbria...”



— Ugh! — a Arara exclamou, estremecendo.

— Desculpe-me? — questionou o Rato franzindo a testa, mas com muita polidez. — Você falou algo?

— Eu não! — a Arara respondeu rapidamente.

— Pensei que sim — o Rato retrucou. — Continuando: “Edwin e Morcar, condes da Mércia e da Nortúmbria, declararam apoio a ele, e até Stigand, o arcebispo patriótico de Canterbury, achando isso oportuno...”

— Achou o quê? — o Pato perguntou.

— Achou isso — o Rato respondeu irritado. — É claro que você sabe o que significa.

— Sei o que significa quando eu acho alguma coisa — o Pato replicou. — Geralmente é um sapo ou uma minhoca. A questão é: o que o arcebispo achou?

O Rato não tomou conhecimento dessa pergunta, mas continuou apressadamente:

— “Achou aconselhável ir com Edgar Atheling para encontrar Guilherme e

oferecer-lhe a coroa. No início, a conduta de Guilherme foi moderada, mas a insolência dos seus normandos...” Como você está se sentindo agora, minha querida? — continuou, virando-se para Alice enquanto falava.

— Mais molhada do que nunca — Alice disse em um tom melancólico. — Não pareceu me secar de maneira nenhuma.

— Nesse caso — o Dodô levantou-se e falou solenemente —, proponho que a reunião seja adiada para a adoção imediata de remédios mais drásticos...

— Fale inglês! — A Águia esgoelou. — Não sei o significado de metade dessas longas palavras e, além do mais, também não acredito que você saiba! — E a Águia abaixou a cabeça para esconder um sorriso: alguns dos outros pássaros riram audivelmente.

— O que eu ia dizer — respondeu o Dodô em um tom ofendido — era que a melhor coisa para nos secar seria uma corrida de associados.

— O que é uma corrida de associados? — Alice perguntou, não que desejasse muito saber, mas o Dodô parou como se pensasse que alguém deveria falar, e ninguém mais parecia inclinado a dizer nada.

— Ora — o Dodô retorquiu —, a melhor maneira de explicar isso é fazendo.

(E como você pode tentar fazer isso sozinho, em um dia de inverno, vou lhe contar como o Dodô a organizou).

Primeiro, ele demilitou uma pista de corrida em uma espécie de círculo (“a forma exata não importa”, ele explicou) e, em seguida, todos os participantes da festa foram organizados ao longo da pista, aqui e ali. Não houve “Um, dois, três e já!”: começaram a correr quando bem entenderam e pararam também quando bem entenderam, de modo que não foi fácil saber quando a corrida havia terminado. Contudo, quando estavam correndo já havia meia hora, mais ou menos, e bastante secos novamente, o Dodô de repente gritou:

— A corrida acabou!

E todos se amontoaram em sua volta, ofegando e perguntando:

— Mas quem ganhou?

Essa questão o Dodô não pôde responder sem muita reflexão, e ficou por um longo tempo com um dedo pressionado na testa (a posição em que você costuma ver Shakespeare em suas fotos), enquanto o resto esperava em silêncio. Por fim, o Dodô declarou:

— Todo mundo ganhou e todos devem ter prêmios.

— Mas quem dará os prêmios? — Um coro de vozes perguntou.

— Ora, ela, é claro — o Dodô respondeu, apontando para Alice com um dedo.

O grupo todo na mesma hora amontoou ao redor dela, gritando de maneira confusa:

— Prêmios! Prêmios!

Alice não tinha ideia do que fazer e, em desespero, colocou a mão no bolso e pegou uma caixa de doces (felizmente, a água salgada não havia entrado nela) e os distribuiu como prêmios. Havia exatamente uma porção para cada um.



— Mas ela também deve receber um prêmio, você sabe — afirmou o Rato.

— É claro — o Dodô replicou solenemente. — O que mais você tem em seu bolso? — ele prosseguiu virando-se para Alice.

— Apenas um dedal — ela respondeu tristemente.

— Entregue aqui — pediu o Dodô.

Então todos se juntaram em sua volta, enquanto o Dodô solenemente lhe presenteou o dedal, dizendo:

— Pedimos sua aceitação deste dedal elegante. — E quando terminou esse breve discurso, todos aplaudiram.

Alice achou a coisa toda muito absurda, mas todos pareciam tão sérios que ela não se atreveu a rir, e como não conseguia pensar em nada para dizer, ela simplesmente fez uma reverência e pegou o dedal, parecendo o mais solene possível.

A próxima coisa foi comer os confeitos. Isso causou algum barulho e confusão, pois os pássaros grandes reclamaram que não podiam provar os deles, e os pequenos engasgaram e tiveram que receber tapinhas nas costas. Todavia, finalmente acabou, eles se sentaram novamente em um círculo, e imploraram para o Rato que lhes contasse algo mais.

— Você prometeu me contar sua história — Alice o lembrou —, e por que você odeia c e g — acrescentou em um sussurro, com um pouco de medo de que ficasse ofendido novamente.

— Todo o rosário, de cabo a rabo? Ele é comprido e triste — disse o Rato, virando-se para Alice e suspirando.

— Certamente é uma cauda longa — Alice falou, olhando maravilhada para a cauda do Rato. — Mas por que você chama isso de triste? — E ela prosseguiu intrigada enquanto o Rato estava falando. Então foi ideia dela contar algo como isso:

“Camundongo!” disse Fúria,
 “Não me venha com lamúria:
 Vamos já ao tribunal!
 Você vai a julgamento
 agora, sem mais
 nenhuma demora.
 Também não
 aceito recusa,
 pois sou eu
 quem o acusa.”

 “Nada tenho
 a temer!
 Mas o que
você me diz
 dessa corte
 infeliz,
 que não
 tem júri
 ou juiz?”
 “Serei eu
 juiz e júri”,
 disse Fúria,

 o matreiro:
 “Vou julgar
o caso inteiro
 e traçar,
 tintim
 por
 tintim,
 o seu
 triste
fim,”

— Você não está prestando atenção! — o Rato disse severamente a Alice. — O que você está pensando?

— Peço que me perdoe — Alice retorquiu muito humildemente. — Acredito que nós chegamos à quinta volta, não é?

— Nós, não! — o Rato exclamou bruscamente e com muita raiva.

— Nós! — Alice falou, sempre pronta para tornar-se útil e olhando ansiosamente. — Oh! Deixe-me ajudar a desfazer isso!

— Não vou fazer nada disso — o Rato retrucou, levantando-se e indo embora.
— Você me insulta falando tanto disparate!

— Eu não quis dizer isso! — alegou a pobre Alice. — Mas, sabe, você fica ofendido tão facilmente!

O Rato apenas rosnou em resposta.

— Por favor, volte e termine sua história! — Alice clamou, e os outros a juntaram em coro: — Sim, por favor! — Mas o Rato apenas balançou a cabeça impaciente, e andou um pouco mais rápido.

— Que pena ele não ficar! — a Arara suspirou assim que o Rato desapareceu de vista.

Uma velha Carangueja aproveitou a oportunidade para dizer à filha:

— Ah, minha querida! Que seja uma lição para você: nunca perca sua paciência!

— Segure sua língua, mamãe! — A jovem Carangueja respondeu um pouco irritada. — Você é suficiente para testar a paciência até de uma ostra!

— Quem me dera que a nossa Dinah estivesse aqui, quem me dera! — disse Alice em voz alta, não se dirigindo a ninguém em particular. — Ela logo o buscaria de volta!

— E quem é Dinah, se atrevo-me a perguntar? — questionou a Arara.

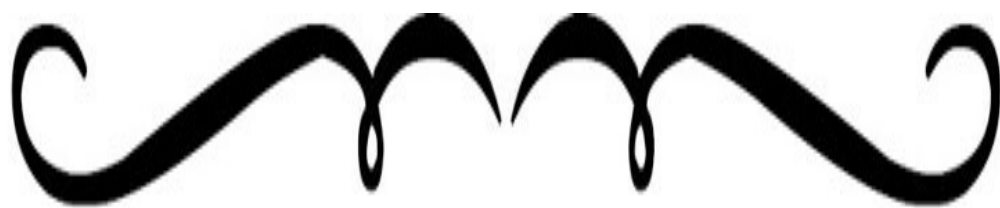
Alice respondeu com empolgação, pois estava sempre pronta para falar sobre seu animal de estimação:

— Dinah é a nossa gata. Ela é tão incrível para pegar os ratos que você não consegue imaginar! E ah, eu gostaria que pudesse vê-la atrás dos pássaros! Ora, ela come um passarinho assim que olha para ele!

Esta fala causou uma sensação notável entre os participantes. Alguns dos pássaros saíram apressadamente; uma velha Pomba começou a se agasalhar com

muito cuidado, comentando: “Eu realmente devo voltar para casa, o ar noturno não faz bem para minha garganta!”. Um Canário gritou com voz trêmula para seus filhos: “Venham, meus queridos! Já passou da hora de estarem na cama!”. Com vários pretextos, todos se afastaram e Alice foi deixada sozinha.

“Eu não deveria ter mencionado Dinah!”, ela disse para si mesma em um tom melancólico. “Aqui embaixo ninguém parece gostar dela, e tenho certeza que ela é a melhor gata do mundo! Oh, minha querida Dinah! Eu me pergunto se algum dia a verei de novo!” E aqui a pobre Alice começou a chorar novamente, pois se sentia muito sozinha e desanimada. Em pouco tempo, no entanto, ela ouviu alguns passos à distância e olhou para cima, ansiosa, esperando que o Rato tivesse mudado de ideia e voltado para terminar sua história.



CAPÍTULO IV

O coelho envia o pequeno Bill



Era o Coelho Branco, caminhando de volta de forma lenta e olhando ansiosamente como se tivesse perdido algo. Ela o ouviu murmurando para si mesmo: “A Duquesa! A Duquesa! Oh, minhas queridas patas! Oh, meu pelo e bigodes! Ela irá me executar, tão certo quanto os furões são furões! Onde posso tê-los derrubado, eu me pergunto!” Alice rapidamente advinhou que ele procurava o leque e o par de luvinhas brancas, e, muito amavelmente, começou também a buscá-los aqui e ali, mas não conseguiu avistá-los em lugar algum... tudo parecia ter mudado desde seu nado na lagoa, e o grande salão, com a mesa de vidro e a portinha, desaparecera por completo.



Logo o Coelho notou Alice, enquanto ela procurava ao redor, e a chamou em um tom zangado:

— Ora essa, Mary Ann, o que você está fazendo aqui? Corra agora para casa e me traga um par de luvas e um leque! Rápido, já!

E Alice ficou tão assustada que fugiu imediatamente na direção em que ele apontava, sem tentar explicar o erro que havia cometido.

“Ele achou que eu fosse sua criada”, disse para si mesma enquanto corria. “Quão surpreso ele ficará quando descobrir quem sou! Mas é melhor levar-lhe o leque e as luvas, isto é, se eu puder encontrá-los”. Enquanto dizia isso, encontrou uma casinha arrumada, a qual possuía uma placa de latão brilhante com o nome “C. BRANCO” gravado na porta. Ela entrou sem bater e subiu as escadas rapidamente, com muito medo de encontrar a verdadeira Mary Ann e ser expulsa antes de encontrar o leque e as luvas.

“Que estranho”, disse Alice para si mesma, “estar fazendo tarefas para um coelho! Suponho que logo, logo a Dinah vai me enviar ordens também!”. E ela começou a imaginar o tipo de coisa que aconteceria: “Senhorita Alice! Venha aqui imediatamente e prepare-se para a sua caminhada!”, “Estou indo num segundo, ama! Mas tenho de ficar tomando conta para o camundongo não sair.”... “Só que não acho”, Alice continuou, “que eles deixariam a Dinah ficar lá em casa se ela comesse a dar ordens às pessoas desse jeito!”.

A essa altura, ela havia entrado em um pequeno quarto arrumado com uma mesa na janela, e nela (como esperava) um leque e dois ou três pares de pequenas luvinhas brancas. Ela pegou o leque e um par das luvas, e estava saindo do

quarto quando seus olhos perceberam uma pequena garrafa que estava perto do espelho. Desta vez, não havia etiqueta com as palavras “beba-me”, mas mesmo assim ela a abriu e colocou nos lábios. “Sempre que como ou bebo qualquer coisa”, ela disse consigo mesma, “sei que algo interessante é certo de acontecer; então vou ver o que essa garrafa faz. Espero que isso me faça crescer novamente, pois realmente estou cansada de ser uma coisinha tão pequenininha!”

Foi o que aconteceu, e muito antes do que esperava: antes de beber metade da garrafa, ela sentiu a cabeça pressionada contra o teto e teve que se curvar para evitar que seu pescoço fosse quebrado. Ela largou a garrafa apressadamente, dizendo para si mesma “Isso é o suficiente . Espero não crescer mais porque desse jeito não posso sair pela porta. Gostaria de não ter bebido tanto!”

Ai! Era tarde demais para lamentar! Ela continuou crescendo e crescendo, e logo teve que se ajoelhar no chão: em outro minuto não havia espaço nem para isso, e tentou o efeito de deitar-se com um cotovelo contra a porta e o outro braço enrolado na cabeça dela. Ainda assim, continuou crescendo e, como último recurso, colocou um braço pela janela e um pé pela chaminé e dizendo para si mesma: “Agora não posso fazer mais nada, aconteça o que acontecer. O que será de mim?”

Felizmente para Alice, a garrafinha mágica atingira o efeito total, e ela não cresceu mais. Ainda assim, era muito desconfortável e, como parecia não haver chance de sair do quarto novamente, não admira que ela se sentisse infeliz.

“Era muito mais agradável em casa”, pensou a pobre Alice, “quando não se estava sempre ficando grande ou pequena, e recebendo ordens de ratos e coelhos. Chego quase a desejar não ter descido por aquela toca de coelho... no entanto... no entanto... é bastante interessante este tipo de vida! Realmente me pergunto o que pode ter acontecido comigo! Quando lia contos de fadas, eu imaginava que aquelas coisas nunca aconteciam, e agora cá estou no meio de uma! Deveria haver um livro escrito sobre mim, ah isso deveria! E quando eu for

grande, vou escrever um... mas sou grande agora”, acrescentou num tom pesaroso. “Pelo menos aqui não há mais espaço para crescer mais.”

“Mas então,” pensou Alice, “nunca mais envelhecerei mais do que sou agora? Será um conforto, de certa maneira...nunca ser uma mulher velha... Mas então, sempre ter lições a aprender! Ah, eu não iria gostar disso!”

“Oh, Alice, sua tola!”, ela respondeu a si mesma. “Como você pode aprender lições aqui? Ora, dificilmente há espaço para você, muito menos para os livros!”

E assim ela continuou, tomando primeiro um lado e depois o outro, e conversando bastante sobre tudo isso, mas depois de alguns minutos, ouviu uma voz lá fora e parou para escutar.

— Mary Ann! Mary Ann! — A voz gritou. — Traga-me minhas luvas agora! — Então escutou o som de passinhos nas escadas. Alice sabia que era o Coelho vindo procurá-la, e tremeu até sacudir a casa, esquecendo de que agora era cerca de mil vezes maior do que o Coelho, e não tinha motivo para temê-lo.

Logo, o Coelho aproximou-se da porta e tentou abri-la, mas como se abria pelo lado de dentro, e o cotovelo de Alice estava pressionado com força contra ela, essa tentativa foi um fracasso. Alice o ouviu dizendo para si mesmo: “Então vou dar a volta e entrar pela janela”.



“Não vai, não!”, Alice pensou, e depois de esperar até conseguir ouvir o Coelho logo abaixo da janela, ela subitamente estendeu a mão e fez um arranco no ar. Ela não se apossou de nada, mas ouviu um pequeno guincho, uma queda e um estrondo de vidro quebrado, da qual concluiu que era possível que houvesse caído em uma estufa de pepinos ou algo do tipo.

Em seguida, veio a voz irada do Coelho:

— Pat! Pat! Onde você está?

E depois, uma voz que nunca tinha ouvido antes:

— Claro que estou aqui! Catando maçãs, vossa excelência!

— Catando maçãs, pois sim! — retrucou o Coelho, irritado. — Aqui! Venha me ajudar a sair disso!

Sons de mais cacos de vidro.

— Agora diga-me, Pat, o que é aquilo na janela?

— Com certeza é um brass, voss excelência!

— Que braço, seu pateta! Quem já viu braço daquele tamanho? Como? Ocupa a janela inteira!

— Claro que ocupa, sua excelência, mas não deixa de ser um brass.

— Bem, de qualquer maneira, ele não tem nada que fazer ali. Vá e suma com ele!

Em seguida fez-se um longo silêncio, e Alice pôde ouvir apenas uns cochichos vez por outra, como: “Com certeza não gosto disso, voss’ excelência, nada, nada!”. “Faça o que estou mandando, seu covarde”, e por fim ela abriu a mão de novo, fazendo outro gesto de agarrar algo no ar. Desta vez houve dois guinchos, e mais sons de vidro quebrado. “Quantas estufas de pepino!” pensou Alice. “O que será que vão fazer agora? Quanto a me puxar pela janela, eu bem queria que pudessem! Tenho certeza de que não quero ficar aqui nem mais um minuto.”

Ela esperou por um tempo sem ouvir mais nada. Finalmente, ouviu um ressoar de rodas de carrinhos de mão, e o som de muitas vozes conversando. Ela ouviu as palavras:

— Onde está a outra escada?

— Ora, eu só tinha que trazer uma! Bill está com a outra.

— Bill! Traga-me isso, rapaz! Aqui, coloque-os neste canto. Não, amarre-as

primeiro. Elas ainda não chegarão à altura suficiente.

— Oh! Elas ficarão altas o suficiente, não seja meticoloso demais.

— Aqui, Bill! Segure esta corda!

— O telhado suportará?

— Preste atenção naquela telha solta.

— Oh, está caindo! Cuidado com a cabeça!

Um estrondo.

— Agora, quem fez isso?

— Imagino que foi o Bill.

— Quem deve descer pela chaminé?

— Eu é que não vou! Vá você!

— Eu que não vou!

— Bill que tem que descer.



— Ei, Bill! O patrão diz que você tem que descer pela chaminé!

“Ah, então o Bill tem que descer pela chaminé, não é?”, disse Alice para si mesma. “Ora, eles parecem colocar tudo em cima do Bill! Eu não ficaria no lugar desse Bill nem por um bom negócio. Essa lareira é estreita, com certeza, mas acho que posso dar alguns pontapés!”

Ela puxou o pé o mais longe que podia da chaminé e esperou até ouvir um pequeno animal (não conseguia adivinhar de que tipo era) arranhando e se arrastando na chaminé perto dela. Então, dizendo para si mesma: “Este é o Bill”, deu um chute forte e esperou para ver o que aconteceria a seguir.

A primeira coisa que ouviu foi um coro geral:

— Lá vai o Bill!

Depois a voz do Coelho sozinha:

— Vocês perto da cerca: peguem-no!

Depois silêncio, e então outra confusão de vozes:

— Segure firme a cabeça. Conhaque, agora. Não o façam esgasgar. Como foi,

companheiro? O que aconteceu com você? Conte-nos tudo!

Por último, veio uma voz fraca e estridente (“Esse é o Bill”, pensou Alice):

— Bem, eu nem sei. Chega, obrigado, estou melhor agora. Mas estou muito confuso para lhes contar. O que eu sei é que uma coisa bateu em mim, como um boneco saltando de uma caixa de surpresa, e voei como um foguete!

— Foi mesmo, velho amigo! — os outros disseram.

— Precisamos queimar a casa! — falou a voz do Coelho, e Alice gritou o mais alto que pôde:

— Se fizerem isso, soltarei Dinah atrás de vocês!

Houve um silêncio mortal instantâneo, e Alice pensou consigo mesma: “Gostaria de saber o que farão a seguir! Se eles tivessem algum bom senso, arrancariam o telhado”. Depois de um ou dois minutos, começaram se movimentar novamente, e Alice ouviu o Coelho dizer:

— Um carrinho de mão servirá, para começar.

“Um carrinho de mão de quê?” pensou Alice, mas não teve muito tempo para ponderar, porque no momento seguinte uma chuva de pedrinhas passou pela janela e algumas a atingiram no rosto. “Vou acabar com isso”, disse para si

mesma e berrou:

— É melhor não fazerem isso de novo! — O que produziu outro silêncio mortal.

Alice notou, com alguma surpresa, que as pedrinhas estavam se transformando em pequenos bolos enquanto estavam no chão, e uma ideia brilhante surgiu em sua cabeça. “Se eu comer um desses bolos”, pensou ela, “certamente haverá mudanças no meu tamanho; e como não posso me tornar maior, suponho que devo me tornar menor.”

Assim, devorou um dos bolos e ficou encantada ao descobrir que começou a encolher imediatamente. Assim que ficou pequena o suficiente para passar pela porta, ela saiu correndo da casa e encontrou uma multidão de pequenos animais e pássaros esperando do lado de fora. O pobre pequeno lagarto, Bill, estava no meio, sendo sustentado por dois porquinhos-da-índia, que estavam lhe dando algo de uma garrafa. Todos avançaram até Alice no instante em que apareceu, mas ela fugiu o mais rápido que pôde e logo se viu a salvo em uma densa floresta.

“A primeira coisa que tenho que fazer”, disse Alice para si mesma enquanto andava pela floresta, “é crescer novamente para o meu tamanho certo; e a segunda coisa é encontrar meu caminho até aquele jardim encantador. Acho que esse será o melhor plano”.

Parecia um excelente plano, sem dúvida, muito organizado e arranjado de forma simples. A única dificuldade era que ela não tinha a menor ideia de como começar, e enquanto olhava ansiosamente entre as árvores, um latido agudo logo acima de sua cabeça a fez olhar para cima rapidamente.

Um enorme filhote de cachorro a olhava com grandes olhos redondos e esticava debilmente uma pata, tentando tocá-la.

— Coitadinho! — Alice exclamou em um tom de adulação; tentou assobiar, mas estava terrivelmente amedrontada o tempo todo com a ideia de que ele poderia estar com fome, caso em que seria muito provável que a comesse, apesar de todos os carinhos.

Mal sabendo o que fazia, ela pegou um graveto e estendeu para o filhote; então ele saltou no ar com todas as patas ao mesmo tempo, com um latido de alegria. Ele correu para o graveto e fez de conta que tinha medo dele; então Alice se esquivou atrás de um grande cardo para não ser pisoteada. Assim que apareceu do outro lado, o filhote deu outro pulo para pegar o graveto e tombou de cabeça para baixo com pressa para agarrá-lo. Então, Alice, achando que aquilo era muito parecido com brincar de cavalinho de madeira, e esperando ser pisoteada a qualquer momento, correu de volta para o cardo. O filhote iniciou uma série de breves investidas contra o graveto, indo às vezes um pouco para frente, e muito para trás, arquejando, a língua pendendo da boca, os olhos enormes semicerrados.

Isso pareceu uma boa oportunidade para Alice escapar, então ela partiu de uma vez e correu até ficar bastante cansada e sem fôlego, e até o latido do filhote parecer bastante fraco à distância.

— Mesmo assim, que filhote fofinho! — Alice declarou encostando-se em um botão-de-ouro para descansar e se abanar com uma das folhas. — Eu teria gostado muito de ensinar truques, se...se eu... Eu só deveria ter o tamanho certo para isso! Oh, céus! Quase esqueci que preciso crescer de novo! Deixe-me ver: como isso pode ser providenciado? Suponho que devo comer ou beber uma coisa ou outra, mas a grande questão é: o quê?

A grande questão certamente era “o quê?”. Alice olhou para as flores e as folhas da grama que a cercavam por todos os lados, mas não podia ver nada que parecesse a coisa certa para se comer ou beber naquelas circunstâncias. Havia um grande cogumelo crescendo perto, mais ou menos da mesma altura que ela, e quando olhou embaixo, nos dois lados e atrás dele, ocorreu-lhe que ela também poderia olhar e ver o que estava acontecendo em cima.

Ela se esticou na ponta dos pés e espiou sobre a borda do cogumelo, e seu olhar imediatamente encontrou o de uma grande lagarta azul, que estava sentada no topo, com os braços cruzados, fumando silenciosamente um comprido narguilé de água, não prestando a menor atenção nela ou em qualquer outra coisa.







CAPÍTULO V

O conselho da Lagarta



A Lagarta e Alice se entreolharam por algum tempo em silêncio. Finalmente, a Lagarta tirou o narguilé da boca e se dirigiu a ela com uma voz lânguida e so-
nolenta:

— Quem é você? — perguntou a Lagarta.

Esta não foi uma abertura encorajadora para uma conversa. Alice respondeu timidamente:

— Eu... no momento, senhor, eu mal sei... pelo menos sei quem era quando levantei-me hoje de manhã, mas acho que devo ter mudado várias vezes desde então.

— O que você quer dizer com isso? — a Lagarta questionou severamente. — Explique-se!

— Receio não saber me explicar, senhor — replicou Alice —, porque não sou eu mesma, entenda.

— Não entendo — afirmou a Lagarta.

— Temo não poder explicar com mais clareza — Alice falou educadamente —, pois não consigo entender eu mesma, e ter tantos tamanhos diferentes em um dia é muito confuso.

— Não é — retorquiu a Lagarta.

— Bem, talvez você não tenha percebido — Alice declarou —, mas quando tiver que se transformar em uma crisálida – um dia você irá, sabe – e depois disso em uma borboleta, acho que se sentirá um pouco estranho, não é?

— Nem um pouco — respondeu a Lagarta.

— Bem, talvez seus sentimentos sejam diferentes — Alice disse —, tudo o que sei é que seria muito estranho para mim.

— Você! — a Lagarta exclamou com desdém. — Quem é você?

O que os trouxe de volta ao início da conversa. Alice se sentiu um pouco irritada com as observações muito curtas da Lagarta, levantou-se e disse, muito seriamente:

— Acho que primeiro deve me dizer quem é você.

— Por quê? — indagou a Lagarta.

Aqui estava outra pergunta intrigante; e, como Alice não conseguia pensar em nenhuma razão, e como a Lagarta parecia estar em um estado de espírito muito

desagradável, ela afastou-se.

— Volte! — A Lagarta chamou por ela. — Tenho algo importante a dizer!

Isso certamente parecia promissor. Alice se virou e voltou.

— Mantenha a calma — pediu a Lagarta.

— Isso é tudo? — perguntou Alice, engolindo sua raiva o melhor que pôde.

— Não — respondeu a Lagarta.

Alice pensou que poderia muito bem esperar, pois não tinha mais nada para fazer, e afinal, talvez ele dissesse algo que valesse a pena ouvir. Por alguns minutos, ele soltou umas baforadas sem falar, mas por fim, descruzou os braços, tirou o narguilé da boca novamente e disse:

— Então você acha que mudou, não é?

— Receio que sim, senhor — Alice respondeu. — Não me lembro das coisas como antes... e não mantenho o mesmo tamanho por dez minutos seguidos!

— Não se lembra de quais coisas? — questionou a Lagarta.

— Bem, eu tentei recitar “Como a abelhinha é ocupada”, mas tudo saiu diferente! — Alice falou com uma voz muito melancólica.

— Repita: “Você é velho, pai William” — pediu a Lagarta.

Alice cruzou as mãos e começou:

“Está velho, Pai William”,

Disse o moço admirado.

“Como é que ainda faz

Cabriola em seu estado?”



“Fosse eu moço, meu rapaz,

Podia os miolos afrouxar;

Mas agora já estão moles,

Para que me preocupar?”

“Está velho”, disse o moço,

“E gordo como uma pipa;

Mas o vi numa cambalhota...

Não teme dar nó na tripa?”



“Quando moço”, disse o sábio,

“Fui sempre muito ágil; usava esta
pomada:

É só um xelim a caixa,

Não quer dar uma experimentada?”

“Está velho”, disse o moço,

“Seus dois dentes já estão bambos,

Mas gosta de chupar cana,

Como então não caem ambos?”



“Quando moço”, disse o pai,

“Sempre evitei mastigar.

Foi assim que estes dois dentes

Consegui economizar.”

“Está velho”, disse o moço,

“Já não enxerga de dia,

Como então inda equilibra

No seu nariz uma enguia?”



“Já respondi a três perguntas,
Parece mais que o bastante,
Suma já ou eu lhe mostro
Quem aqui é o importante.”

— Isso não foi dito da forma correta — afirmou a Lagarta.

— Não está tão certo, receio — Alice disse timidamente. — Algumas palavras foram alteradas.

— Está errado do começo ao fim — retorquiu decididamente a Lagarta, e houve silêncio por alguns minutos. A Lagarta foi a primeira a falar:

— Você quer ser de qual tamanho? — perguntou.

— Oh, eu não sou específica quanto ao tamanho — Alice se apressou a responder. — Só que uma pessoa não gosta de mudar com tanta frequência, você sabe.

— Eu não sei — replicou a Lagarta.

Alice não disse nada: nunca havia sido tão contestada em sua vida antes, e sentiu

que estava perdendo a paciência.

— Você está satisfeita agora? — questionou a Lagarta.

— Bem, eu gostaria de ser um pouco maior, senhor, se você não se importa. Sete centímetros é uma altura tão miserável de se ter! — declarou Alice.

— É realmente uma altura muito boa! — exclamou furiosa a Lagarta, erguendo-se na vertical enquanto falava. (Tinha exatamente sete centímetros de altura).

— Mas não estou acostumada! — implorou Alice em um tom lamentável. E ela pensou consigo mesma: “Gostaria que as criaturas não ficassem ofendidas tão facilmente!”

— Com o tempo você se acostumará — afirmou a Lagarta colocando o narguilé de água na boca e começando a fumar de novo.

Dessa vez, Alice esperou pacientemente até resolver falar novamente. Em um ou dois minutos, a Lagarta tirou o narguilé da boca, bocejou uma ou duas vezes e se sacudiu. Então desceu do cogumelo e foi rastejando pela grama, apenas observando: “Um lado fará você crescer, o outro a fará diminuir”.

“Um lado do quê? O outro lado do quê?”, Alice se perguntou.

— Do cogumelo — disse a Lagarta, como se ela tivesse perguntado em voz alta;

e em outro momento estava fora de vista.

Alice ficou olhando o cogumelo pensativamente por um minuto, tentando descobrir quais eram os dois lados dele, e como era perfeitamente redondo, lhe pareceu uma pergunta muito difícil. No entanto, por fim, ela esticou os braços ao redor, tanto quanto conseguiam ir, e quebrou um pouco da borda com cada mão.

— E agora, qual é qual? — perguntou ela, mordiscando um pouco o da mão direita para experimentar o efeito. No momento seguinte, sentiu um violento golpe embaixo do queixo: ela atingira o pé!

Ela ficou bastante assustada com essa mudança repentina, mas sentiu que não havia tempo a perder, pois estava encolhendo rapidamente. Então logo começou a comer um pouco da outra parte. O queixo dela estava tão pressionado contra o pé que mal havia espaço para abrir a boca; mas ela finalmente fez isso e conseguiu engolir um pedaço da parte esquerda.

— Viva! Minha cabeça enfim está livre! — Alice gritou com tom de alegria, o qual se transformou em susto em um instante, quando descobriu que seus ombros não estavam em lugar nenhum. Tudo o que podia ver quando olhava para baixo, era o imenso comprimento do pescoço, que parecia erguer-se como um caule de um mar de folhas verdes que estavam bem abaixo dela.

— O que podem ser todas essas coisas verdes? — Alice perguntou. — E para onde meus ombros foram? E, oh, minhas pobres mãos, como é que não posso vê-las? — Ela as movia enquanto falava, mas não gerava qualquer resultado, exceto uma pequena sacudida entre as folhas verdes distantes.

Como parecia não haver chance de colocar as mãos na cabeça, ela tentou encostar a cabeça nelas e ficou encantada ao descobrir que seu pescoço se dobrava facilmente em qualquer direção, como uma serpente. Ela acabara de dobrá-lo com sucesso em um gracioso zigue-zague e ia mergulhar entre as folhas, que descobriu serem as copas das árvores sob as quais andava vagando, quando um assobio agudo a fez recuar às pressas: uma grande pomba voara em seu rosto e lhe batia violentamente com as asas.

— Serpente! — gritou a Pomba.

— Não sou uma serpente! — exclamou Alice indignada. — Deixe-me em paz!

— Serpente, eu insisto! — repetiu a Pomba, mas em um tom mais moderado, e acrescentou com um tipo de soluço. — Eu tentei de todas as maneiras, e nada parece lhes agradar!

— Não tenho a menor ideia do que você está falando — afirmou Alice.

— Tentei as raízes das árvores, as margens e as sebes — a Pomba prosseguiu, sem prestar atenção nela —, mas aquelas serpentes! Não há como agradá-las!

Alice ficou cada vez mais intrigada, mas achou que não havia sentido em dizer mais nada até a Pomba terminar.

— Como se não fosse preocupante o suficiente ficar chocando os ovos — declarou a Pomba —, mas devo ficar atenta às serpentes noite e dia! Ora, faz três

semanas que não pisco os olhos para dormir!

— Sinto muito por você ter se aborrecido — Alice falou, começando a entender o que queria dizer.

— E assim que peguei a árvore mais alta da floresta — a Pomba prosseguiu, erguendo a voz a um guincho agudo —, e justamente quando pensava que finalmente deveria me livrar delas, elas tiveram que vir se contorcendo do céu! Urgh! Serpente!

— Mas eu não sou uma serpente, estou lhe dizendo! — Alice replicou. — Eu sou uma.. sou uma...

— Então! O que você é? — a Pomba perguntou. — Percebo que está tentando inventar alguma coisa!

— Eu... eu sou uma garotinha — Alice respondeu duvidosa ao se lembrar do número de mudanças pelas quais passou naquele dia.

— É uma história plausível, de fato! — a Pomba falou em um tom de profundo desprezo. — Já vi muitas garotinhas no meu tempo, mas nunca uma com um pescoço como esse! Não, não! Você é uma serpente e não adianta negar. Suponho que vai me dizer que nunca provou um ovo!

— Certamente já provei ovos — Alice respondeu, porque era uma criança muito sincera —, mas as garotinhas comem ovos tanto quanto as serpentes, você sabe.

— Não acredito — a Pomba declarou —, mas se o fazem, ora, então são uma espécie de serpente, é só o que posso dizer.

Essa foi uma ideia tão nova para Alice, que ela ficou em silêncio por um minuto ou dois, o que deu à Pomba a oportunidade de acrescentar:

— Você está procurando ovos, sei bem disso. E o que importa para mim se você é uma garotinha ou uma serpente?

— Importa muito para mim — Alice retrucou rapidamente —, mas por acaso não estou procurando por ovos, e se estivesse, não iria querer o seu: não gosto deles crus.

— Bem, então vá embora! — a Pomba exclamou em tom aborrecido quando se instalou novamente em seu ninho. Alice agachou-se entre as árvores o melhor que pôde, pois seu pescoço ficava preso entre os galhos, e de vez em quando ela tinha que parar e se desenroscar. Depois de um tempo, lembrou-se de que ainda mantinha os pedaços de cogumelos nas mãos e pôs-se ao trabalho com muito cuidado, mordiscando primeiro um e depois o outro, ficando às vezes mais alta e às vezes mais baixa, até conseguir atingir sua altura habitual.

Fazia tanto tempo que nem se aproximava do tamanho certo, que no começo parecia estranho, mas ela se acostumou em alguns minutos e começou a conversar consigo mesma, como sempre: “Certo, metade do meu plano está realizado! Quão intrigantes são todas essas mudanças! Nunca tenho certeza do que serei, de um minuto para o outro! Seja como for, voltei ao meu tamanho certo. A próxima coisa é entrar naquele belo jardim... Como é que isso é feito, eu me pergunto?”. Enquanto dizia isso, de repente se deparou com um lugar aberto,

com uma casinha com cerca de um metro e meio de altura. “Seja lá quem more aqui”, pensou Alice, “não convém me aproximar deles com este tamanho; que susto iriam levar!” Assim, começou a morder o pedacinho da mão direita de novo e não se aventurou a chegar perto da casa antes de conseguir se reduzir a vinte e dois centímetros de altura





CAPÍTULO VI

Porco e pimenta



Por um minuto ou dois, ela ficou olhando a casa se perguntando o que fazer a seguir, quando de repente um lacaios de uniforme saiu correndo da floresta – ela o considerava um lacaios porque ele estava de farda: caso contrário, a julgar apenas pelo rosto dele, ela o chamaria de peixe – e bateu alto na porta com as juntas dos dedos. A porta foi aberta por outro lacaios de uniforme, com um rosto redondo e olhos grandes como de um sapo. Alice notou que os dois lacaios tinham cabelos com talco que cresciam por toda a cabeça. Ela ficou muito curiosa para saber do que se tratava e saiu um pouco da floresta para ouvir.

O Lacaios-Peixe começou puxando de debaixo do braço uma grande carta, quase tão grande quanto si mesmo, e entregou-a ao outro, dizendo em um tom solene:

— Para a Duquesa. Um convite da Rainha para jogar croquet.

O Lacaios-Sapo repetiu, no mesmo tom solene, apenas mudando um pouco a ordem das palavras:

— Da Rainha. Um convite para a Duquesa jogar croquet.

Então os dois se curvaram e seus cachos se enroscaram.

Alice riu tanto que teve que correr de volta para a floresta por medo de que a escutassem. Quando ela espiou o Lacaios-Peixe se fora, e o outro estava sentado no chão perto da porta, olhando estupidamente para o céu.

Alice foi até a porta e bateu timidamente.

— Não adianta bater — o Lacaio falou —, e isso por duas razões. Primeiro, porque estou do mesmo lado da porta que você; segundo, porque estão fazendo tanto barulho do lado de dentro que ninguém poderia ouvi-la.

E certamente havia um barulho extraordinário acontecendo lá dentro – berros e espirros constantes, e, de vez em quando, um grande estrondo, como se um prato ou chaleira tivesse se estilhaçado.

— Por favor, então como faço para entrar? — questionou Alice.

— Poderia haver algum sentido em sua batida — continuou o Lacaio, sem prestar atenção nela —, se tivéssemos a porta entre nós. Por exemplo, se você estivesse lá dentro, poderia bater, e eu poderia deixar você sair, sabe.

Ele estava olhando para o céu durante todo tempo em que estava falando, e isso Alice achou decididamente descortês. “Mas talvez ele não possa evitar”, ela disse para si mesma. “Seus olhos estão quase no topo da cabeça. Mas de qualquer forma, ele poderia responder às perguntas”.

— Como consigo entrar? — ela repetiu em voz alta.

— Sentarei aqui — declarou o Lacaio —, até amanhã...

Nesse instante, a porta da casa se abriu e um prato grande apareceu voando direto na cabeça do Lacaio: ralou seu nariz e se espatifou contra uma árvore atrás dele.

— ... ou no dia seguinte, talvez — continuou o Lacaio exatamente no mesmo tom, como se nada tivesse acontecido.

— Como faço para entrar? — Alice perguntou novamente em um tom mais alto.

— Você precisa entrar? — o Lacaio questionou. — Essa é a primeira pergunta, você sabe. — Era, sem dúvida. Só que Alice não gostava de ser avisada disso. “É realmente terrível”, ela murmurou para si mesma, “o jeito que todas as criaturas discutem. É o suficiente para enlouquecer uma pessoa!”

O Lacaio parecia achar que essa era uma boa oportunidade para repetir sua observação, com variações:

— Vou me sentar aqui — disse ele —, de vez em quando, por dias e dias.

— Mas o que devo fazer? — Alice perguntou.

— Qualquer coisa que quiser — o Lacaio afirmou, e começou a assobiar.

— Oh, não adianta conversar com ele — falou Alice desesperada. — Ele é um perfeito idiota! — Abriu a porta e entrou.

A porta dava para uma grande cozinha, cheia de fumaça de uma ponta à outra. A Duquesa estava no meio, sentada em um banquinho de três pernas, cuidando de um bebê; a Cozinheira estava inclinada sobre a lareira mexendo um caldeirão grande que parecia estar cheio de sopa.

“Certamente há muita pimenta nessa sopa!”, Alice disse consigo, tanto quanto podia julgar por seus espirros.

Certamente havia muita coisa no ar. Até a Duquesa espirrava ocasionalmente; e quanto ao bebê, estava espirrando e berrando alternadamente, sem um momento de trégua. As únicas duas criaturas da cozinha que não espirravam eram a Cozinheira e um grande gato sentado na lareira, sorrindo de orelha a orelha.

— Por favor, poderia me dizer — Alice começou, um pouco tímida, pois não tinha muito certeza se era de boa educação falar primeiro —, por que seu gato sorri assim?

— É um gato Cheshire — respondeu a Duquesa — e é por isso. Porco!

Ela disse a última palavra com repentina violência que Alice deu um pulo; mas viu em seguida que era endereçada ao bebê, e não a ela, então tomou coragem e continuou:



— Eu não sabia que os gatos de Cheshire sempre sorriam. Na verdade, não sabia que podiam sorrir.

— Todos podem — a Duquesa afirmou —, e a maioria deles o fazem.

— Eu não conheço nenhum que faz — Alice disse educadamente, sentindo-se muito satisfeita por ter iniciado uma conversa.

— Você não conhece muito — retrucou a Duquesa — e isso é um fato.

Alice não gostou do tom desse comentário, e achou que seria melhor introduzir outro assunto na conversa. Enquanto tentava arranjar um, a Cozinheira tirou o caldeirão de sopa do fogo e se pôs imediatamente a atirar tudo em seu alcance na Duquesa e no bebê; os atizadores de fogo foram os primeiros; depois seguiu uma chuva de panelas e louças. A Duquesa nem prestou atenção neles quando a atingiram, e o bebê já estava berrando tanto que era impossível dizer se os golpes o machucavam ou não.

— Oh, por favor, preste atenção no que está fazendo! — Alice gritou, pulando para cima e para baixo em terror agonizante. — Ah, aí se vai o precioso nariz dele! — enquanto uma panela incomumente grande voava perto dele e quase o arrancava.

— Se todo mundo cuidasse da própria vida — a Duquesa falou em um resmungo áspero —, o mundo giraria muito mais rápido.

— O que não seria vantagem — Alice declarou, sentindo-se muito feliz por ter a oportunidade de mostrar um pouco de seu conhecimento. — Apenas pense em quanto trabalho faria com o dia e a noite! Perceba, a Terra leva 24 horas para dar só uma voltinha...

— Falando em machadinha — falou a Duquesa —, corte-lhe a cabeça!

Alice olhou ansiosamente para a Cozinheira para ver se ela pretendia seguir a ordem, mas ela estava ocupada mexendo a sopa e parecia não estar ouvindo. Então, continuou:

— Vinte e quatro horas, eu acho. Ou são doze? Eu...

— Oh, não me incomode — interrompeu a Duquesa. — Nunca pude tolerar os números. — E com isso, ela começou a cuidar de seu filho novamente, enquanto cantava uma espécie de cantiga de ninar, dando-lhe fortes sacudidas ao fim de cada verso:

“Fale firme com seu bebezinho,

E bata-lhe quando espirrar;

Ele é um espertinho

E só faz isso para irritar.

(refrão)

(no qual a cozinheira e o bebê se juntaram):

Uau! Uau! Uau!”

Enquanto a Duquesa cantava a segunda estrofe da música, continuava jogando o bebê bruscamente para cima e para baixo, e o coitadinho berrou tanto, que Alice mal podia ouvir as palavras:

“Falo firme com meu menino,

Bato nele quando espirra;

Pois só assim toma gosto

Por pimenta malequeta

(refrão)

Uau! Uau! Uau!”

— Aqui! Você pode alimentá-lo um pouco, se quiser! — A Duquesa falou enquanto lançava o bebê para Alice. — Devo ir me preparar para jogar croquet com a Rainha — e saiu apressadamente do cômodo. A Cozinheira jogou uma frigideira atrás dela enquanto passava, mas não a acertou.

Alice agarrou o bebê com alguma dificuldade, pois era uma criatura com forma esquisita. Estendia os braços e as pernas em todas as direções, “como uma estrela-do-mar”, pensou Alice. O coitadinho estava bufando como um motor a vapor quando ela o segurou, e continuou se dobrando e se endireitando novamente, de modo que, no primeiros minutos, o máximo que ela podia fazer era segurá-lo.

Assim que percebeu a maneira correta de niná-lo, (que era torcer um nó e depois segurar firmemente a orelha direita e o pé esquerdo, a fim de evitar que se desfizesse), ela o levou ao ar livre. “Se não levar essa criança comigo”, pensou Alice, “com certeza a matarão em um dia ou dois: não seria assassinato deixá-la para trás?”. Ela disse as últimas palavras em voz alta, e a pequena coisa grunhiu em resposta, pois já havia parado de espirrar a essa altura.

— Pare de grunhir — Alice pediu —, essa não é a maneira correta de se expressar.

O bebê grunhiu novamente, e Alice olhou muito ansiosa para ele para ver qual era o problema. Não havia dúvidas de que ele tinha um nariz muito arrebitado, muito mais como um focinho do que como um nariz de verdade. Seus olhos também eram extremamente pequenos para um bebê. No geral, Alice não gostou da aparência da criatura, “mas talvez esteja apenas soluçando”, pensou ela. Analisou seus olhos novamente, para ver se havia alguma lágrima.

Não, não havia lágrimas.



— Se você vai se transformar em um porco, meu querido — Alice falou seriamente —, não terei mais nada a ver com você. Preste atenção!

O pobrezinho soluçou novamente (ou grunhiu, era impossível distinguir) e eles continuaram em silêncio por algum tempo.

Alice começava a pensar: “E agora? O que devo fazer com essa criatura quando a levar para casa?”, quando ele grunhiu novamente, com tanta fúria, que ela olhou para o rosto dele com grande alarme. Desta vez, não poderia haver engano: não era nada além de um porco, e ela achou que seria um absurdo continuar com isso.

Assim, colocou a criaturinha no chão e se sentiu muito aliviada ao vê-la caminhar calmamente para o bosque. “Se tivesse crescido”, disse ela para si mesma, “teria sido uma criança horrorosa; mas como porco é bem jeitosinho, eu acho.” E começou a pensar sobre outras crianças que conhecia que ficariam muito bem como porcos, e bem na hora em que estava pensando “se ao menos alguém soubesse a maneira correta de transformá-las” teve um ligeiro sobressalto ao ver o Gato de Cheshire sentado no galho de uma árvore a alguns metros de distância.

Ao ver Alice, o Gato apenas sorriu. Ela pensou que parecia bem-humorado. Ainda assim, tinha garras muito compridas e muitos dentes, então achou que deveria ser tratado com respeito.

— Bichano de Cheshire — ela começou timidamente, pois nem sabia se gostaria do nome. Contudo, ele apenas sorriu um pouco mais. “Bom, está contente até agora”, pensou Alice, e continuou: — Você poderia me dizer, por favor, por qual

caminho devo seguir para sair daqui?

— Isso depende muito de onde deseja chegar — o Gato respondeu.

— Eu não ligo muito para onde... — falou Alice.

— Então não importa para que lado caminhe — o Gato interpôs.

— ...desde que eu chegue a algum lugar — Alice acrescentou como uma explicação.

— Ah, com certeza fará isso — o Gato disse —, se você andar por tempo suficiente.

Alice sentiu que isso não podia ser questionado, então tentou outra pergunta:

— Que tipo de pessoas vivem por aqui?



— Naquela direção — o Gato falou acenando com a pata direita —, vive um Chapeleiro; e nessa direção — acenou com a outra pata —, vive uma Lebre de Março. Visite qual desejar: os dois são loucos.

— Mas não quero me envolver com gente louca — observou Alice.

— Oh, você não pode evitar — o Gato afirmou. — Aqui somos todos loucos. Eu sou louco. Você é louca.

— Como sabe que sou louca? — questionou Alice.

— Você deve ser, ou não teria vindo aqui — o Gato respondeu.

Alice não achou que isso provasse alguma coisa. Apesar disso, continuou:

— E como você sabe que é louco?

— Para começar — o Gato declarou —, um cachorro não é louco. Admite isso?

— Acho que sim — falou Alice.

— Bem, então — continuou o Gato —, você vê um cão rosar quando está com raiva e abanar o rabo quando está satisfeito. Agora, eu rosno quando estou satisfeito e abano o rabo quando estou com raiva. Por isso sou louco.

— Eu chamo de ronronar, não rosar — Alice afirmou.

— Chame como quiser — o Gato retorquiu. — Vai jogar croquet com a Rainha hoje?

— Gostaria muito, mas ainda não fui convidada — Alice respondeu.

— Você me verá lá — afirmou o Gato, e desapareceu.

Alice não ficou muito surpresa, pois estava se acostumando com coisas estranhas acontecendo. Enquanto ela olhava para o lugar onde estivera, e de repente, ele apareceu novamente.

— Aliás, o que aconteceu com o bebê? — questionou o Gato. — Quase esqueci de perguntar.

— Ele se transformou em um porco — Alice respondeu muito baixinho, como se o Gato tivesse voltado de maneira natural.

— Achava mesmo que iria virar — disse o Gato, e desapareceu de novo.

Alice esperou um pouco, meio que esperando vê-lo novamente, mas não apareceu e, depois de um minuto ou dois, ela seguiu na direção em que lhe disse que a Lebre de Março morava. “Eu já vi chapeleiros antes”, disse a si mesma, “a Lebre de Março será a mais interessante, e talvez, como estamos em maio, não esteja louca – pelo menos não tão louca quanto em março”. Quando disse isso, olhou para cima e lá estava o Gato novamente sentado em um galho de uma árvore.

— Você disse porco ou corpo? — o Gato perguntou.

— Eu disse porco — respondeu Alice. — E gostaria que não continuasse aparecendo e desaparecendo tão repentinamente. Você me deixa um pouco tonta.

— Tudo bem — concordou o gato; e dessa vez desapareceu bem devagar, começando com o final da cauda e terminando com o sorriso, que permaneceu algum tempo depois que o resto havia desaparecido.



“Bem! Já vi gatos sem sorriso com frequência,” pensou Alice, “mas um sorriso sem um gato! É a coisa mais curiosa que já vi na vida!”

Ela não havia ido muito longe antes de avistar a casa da Lebre de Março. Pensou ser a casa certa, porque as chaminés tinham forma de orelhas e o telhado era coberto com pelo. Era uma casa tão grande que ela não queria chegar perto até ter mordicado um pouco mais do pedaço do cogumelo da mão esquerda e se aumentar uns sessenta centímetros. Mesmo assim, ela caminhou timidamente em direção à casa, dizendo para si mesma: “Suponho que deve mesmo ser louca delirante! Quase desejo ter ido ver o Chapeleiro em vez disso!”



CAPÍTULO VII

A louca festa do chá



Havia uma mesa posta sob uma árvore em frente à casa, e a Lebre de Março e o Chapeleiro estavam tomando chá. Uma Ratazana estava sentada entre eles, dormindo profundamente, e os outros dois a usavam como almofada, descansando os cotovelos sobre ela e falando por cima de sua cabeça. “Deve ser muito desconfortável para a Ratazana”, pensou Alice; “só que, já que está dormindo, suponho que não se importe”.



A mesa era grande, mas os três estavam amontoados em um canto.

— Não há lugar! Não há lugar! — gritaram quando viram Alice chegando.

— Há muito espaço! — Alice retrucou indignada, e sentou-se em uma grande poltrona em uma extremidade da mesa.

— Tome um pouco de vinho — convidou a Lebre de Março em um tom encorajador.

Alice olhou ao redor da mesa, mas não viu nada além de chá.

— Não vejo nenhum vinho — ela observou.

— Não há nenhum — a Lebre de Março confirmou.

— Não foi muito educado em oferecer — Alice declarou com raiva.

— Não foi muito educado da sua parte sentar-se sem ter sido convidada — retrucou a Lebre de Março.

— Eu não sabia que a mesa era sua — falou Alice. — Está arrumada para muito mais do que três convidados.

— Seu cabelo precisa de um corte — disse o Chapeleiro. Ele estava olhando para Alice há algum tempo com grande curiosidade, e essa era a primeira vez que falava.

— Você deveria aprender a não fazer comentários pessoais — Alice bradou com certa severidade —, é muito rude.

O Chapeleiro arregalou os olhos ao ouvir isso, mas tudo o que disse foi:

— Por que um corvo é como uma escrivainha?

“Oba, agora vamos nos divertir! Estou feliz que eles começaram a perguntar enigmas”, pensou Alice. E acrescentou em voz alta:

— Acredito que posso advinhar isso.

— Você quer dizer que acha que pode encontrar a resposta? — perguntou a Lebre de Março.

— Exatamente — respondeu Alice.

— Então você deve dizer o que quer dizer — prosseguiu a Lebre de Março.

— Direi — Alice respondeu apressadamente. — Pelo menos... pelo menos eu quero dizer o que digo... é a mesma coisa, você sabe.

— Não é a mesma coisa, nem um pouco! — exclamou o Chapeleiro. — Ora, é como você dizer que “vejo o que como” é a mesma coisa como “como o que vejo”!

— Você poderia dizer — acrescentou a Lebre de Março — que “gosto do que recebo” é a mesma coisa que “recebo o que gosto!”

— Você poderia dizer — adicionou a Ratazana, que parecia estar falando enquanto dorme — que “respiro quando durmo” é a mesma coisa que “durmo quando respiro”!

— É a mesma coisa com você — o Chapeleiro apontou, e aqui a conversa diminuiu e a festa ficou em silêncio por um minuto, enquanto Alice pensava em tudo o que conseguia se lembrar sobre corvos e escrivainhas, o que não era muito.

O Chapeleiro foi o primeiro a quebrar o silêncio:

— Que dia do mês é hoje? — perguntou virando-se para Alice. Ele tirara o relógio do bolso e olhava inquieto, sacudindo-o de vez em quando e segurando no ouvido.

Alice considerou um pouco e disse:

— Dia quatro.

— Dois dias de atraso! — suspirou o Chapeleiro. — Eu disse que a manteiga não se adequaria ao trabalho! — acrescentou olhando furiosamente para a Lebre de Março.

— Era a melhor manteiga — a Lebre de Março respondeu humildemente.

— Sim, mas algumas migalhas também devem ter entrado — o Chapeleiro resmungou —, você não deveria colocá-lo com a faca de pão.

A Lebre de Março pegou o relógio e olhou sombriamente; depois, o mergulhou em sua xícara de chá e o olhou novamente. Mas não conseguiu pensar em nada melhor para dizer do que sua primeira observação: “Era a melhor manteiga, você sabe”.

Alice estava olhando por cima do ombro dele com alguma curiosidade.

— Que relógio engraçado! — ela comentou. — Mostra o dia do mês e não diz que horas são!

— Por que deveria? — murmurou o Chapeleiro. — O seu relógio lhe diz que ano é?

— É claro que não — Alice replicou prontamente —, mas é porque permanece o mesmo ano por tanto tempo.

— O que é exatamente o caso do meu — respondeu o Chapeleiro.

Alice sentiu-se terrivelmente intrigada. A observação do Chapeleiro lhe parecia não ter nenhum significado, e ainda assim certamente era a mesma língua.

— Eu não te entendo — ela disse o mais educadamente possível.

— A Ratazana está dormindo de novo — o Chapeleiro observou, e derramou um pouco de chá quente em seu nariz.

A Ratazana sacudiu a cabeça impacientemente, e disse sem abrir os olhos:

— Claro, claro. É exatamente o que eu ia observar.

— Você já decifrou o enigma? — o Chapeleiro perguntou se virando novamente para Alice.

— Não, eu desisto — Alice replicou. — Qual é a resposta?

— Não tenho a mínima ideia — o Chapeleiro falou.

— Nem eu — acrescentou a Lebre de Março.

Alice suspirou cansada.

— Acho que você pode fazer algo melhor com o tempo do que desperdiçá-lo pedindo enigmas que não têm respostas — declarou ela.

— Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu — o Chapeleiro falou —, não falaria sobre desperdiçá-lo.

— Eu não sei o que quer dizer — Alice disse.

— Claro que não! — exclamou o Chapeleiro, sacudindo a cabeça com desdém.
— Ouso dizer que nunca falou com o Tempo!

— Talvez não — Alice respondeu cautelosamente —, mas sei que tenho que bater o tempo quando estudo música.



2/2

PAULINE

— Ah! Isso explica tudo — falou o Chapeleiro. — Ele não suporta batidas. Agora, se vocês mantivessem boas relações, ele faria quase qualquer coisa que quisesse com o relógio. Por exemplo, suponha que fosse nove horas da manhã, bem na hora de começar as aulas. Você só precisaria sussurrar uma dica para o Tempo, e o relógio ia girando! Uma e meia, hora do almoço!

(“Eu só queria que fosse”, a Lebre de Março disse para si mesmo em um sussurro).

— Isso seria ótimo, certamente — Alice afirmou, pensativa. — Mas então... eu não estaria com fome, você sabe.

— Talvez a princípio, não — explicou o Chapeleiro —, mas você poderia mantê-lo até uma e meia até quando quisesse.

— É assim que você faz? — Alice perguntou.

O Chapeleiro balançou a cabeça pesarosamente.

— Eu não! — ele respondeu. — Nós brigamos em março passado... pouco antes dela enlouquecer, você sabe... — apontando com a colher de chá para a Lebre de Março — ... foi no grande concerto da Rainha de Copas, e eu tive que cantar:

“Brilha, brilha, morceguinho!”

Vai traçando seu caminho...”

— Você conhece a música?

— Eu ouvi algo parecido — falou Alice.

— Ela prossegue, você sabe — continuou o Chapeleiro —, desta maneira:

“Voar por sobre o mundo, você planeja,

Como chá em uma grande bandeja.

Brilha, brilha...”

Aqui a Ratazana se sacudiu e começou a cantar enquanto dormia: “Brilha, brilha, brilha, brilha...” e continuou por tanto tempo que precisaram lhe beliscar para parar.

— Bem, mal terminei o primeiro verso, quando a Rainha gritou: “Ele está matando o tempo! Cortem-lhe a cabeça!” — contou o Chapeleiro.

— Que terrivelmente cruel! — exclamou Alice.

— E desde então — o Chapeleiro prosseguiu em tom triste —, ele não fará nada que eu pergunte! Agora são sempre seis horas.

Uma ideia brilhante surgiu na cabeça de Alice.

— É por isso que há tantas louças de chá colocadas à mesa? — perguntou ela.

— Sim, é por isso — o Chapeleiro confirmou com um suspiro. — Sempre é hora do chá, e não temos tempo para lavar as coisas.

— Então ficam mudando de um lugar para outro em círculos, não é? — questionou Alice.

— Exatamente — o Chapeleiro assentiu —, à medida que as coisas se esgotam.

— Mas e quando voltarem ao começo? — Alice se aventurou a perguntar.

— Proponho mudarmos de assunto — a Lebre de Março interrompeu, bocejando. — Estou cansado disso. Proponho que a jovem nos conte uma história.

— Receio não conhecer uma — Alice disse, bastante alarmada com a proposta.

— Então a Ratazana deve contar! — ambos exclamaram. — Acorde, Ratazana!
— E eles belicaram os dois lados de uma só vez.

A Ratazana abriu os olhos lentamente.

— Eu não estava dormindo — falou com uma voz rouca e fraca. — Eu ouvi todas as palavras que estavam dizendo.

— Conte-nos uma história! — disse a Lebre de Março.

— Sim, por favor! — implorou Alice.

— E seja rápido — acrescentou o Chapeleiro — ou voltará a dormir antes de terminar.

— Era uma vez, três irmãzinhas — começou a Ratazana apressadamente. — E seus nomes eram Elsie, Lacie e Tillie, e elas moravam no fundo de um poço...

— O que elas comiam? — questionou Alice, que sempre se interessou bastante por questões de comida e bebida.

— Elas comiam melão — a Ratazana continuou, depois de pensar um minuto.

— Não pode ser — Alice comentou gentilmente. — Elas estariam doentes.

— Elas estavam — afirmou a Ratazana — muito doentes.

Alice tentou imaginar um modo de vida tão extraordinário, mas isso a intrigou demais, então continuou:

— Mas por que elas moravam no fundo de um poço?

— Tome mais um pouco de chá — a Lebre de Março falou muito sinceramente.

— Eu ainda não tinha tomado nada — Alice respondeu em um tom ofendido —, então não posso tomar mais.

— Você quis dizer que não pode tomar menos — disse o Chapeleito. — É muito fácil tomar mais do que nada.

— Ninguém pediu sua opinião — Alice retorquiu.

— Quem está fazendo comentários pessoais agora? — o Chapeleiro perguntou triunfantemente.

Alice não sabia muito bem o que dizer sobre isso, então se serviu de um pouco de chá e pão com manteiga, depois virou-se para a Ratazana e repetiu a pergunta:

— Por que elas moravam no fundo de um poço?

A Ratazana novamente levou um minuto para pensar sobre o assunto e disse:

— Era um poço de melão.

— Não existe tal coisa! — Alice começou com muita raiva, mas o Chapeleiro e a Lebre de Março disseram:

— Shhh! Shhh!

E a Ratazana comentou emburrada:

— Se você não pode ser educada, é melhor terminar a história sozinha.

— Não, por favor, continue! — Alice disse muito humildemente. — Não vou interromper novamente. Posso fingir que existe um.

— Um, de fato! — exclamou a Ratazana, indignada. No entanto, ela consentiu em continuar: — E essas três irmãzinhas... elas estavam aprendendo a tirar, você sabe.

— O que elas tiraram? — Alice perguntou, esquecendo-se completamente da sua

promessa.

— Melaço — a Ratazana disse, sem pestanejar.

— Quero uma xícara limpa — interrompeu o Chapeleiro. — Vamos avançar um lugar.

Ele seguiu em frente enquanto falava, e a Ratazana o seguiu. A Lebre de Março mudou-se para o lugar da Ratazana e Alice, muito a contragosto, tomou o lugar da Lebre de Março. O Chapeleiro foi o único que tirou vantagem da mudança: Alice estava muito pior do que antes, pois a Lebre de Março acabara de colocar o jarro de leite no prato.

Alice não queria ofender a Ratazana novamente, então começou com muito cuidado:

— Mas eu não entendo. De onde eles tiravam o melaço?

— Você pode tirar água de um poço de água — falou o Chapeleiro. — Então eu acho que você poderia tirar o melaço de um poço de melaço, hein, estúpida?

— Mas elas estavam dentro do poço — Alice falou para a Ratazana, escolhendo não notar essa última observação.

— É claro que estavam — confirmou a Ratazana —, bem no fundo do poço.

Essa resposta confundiu a pobre Alice, que deixou a Ratazana continuar por algum tempo sem interrompê-lo.

— Elas estavam aprendendo a puxar — continuou a Ratazana, bocejando e esfregando os olhos, pois estava ficando com muito sono — e elas puxavam todo tipo de coisa; tudo que começa com um M...

— Por que com um M? — questionou Alice.

— Por que não? — respondeu a Lebre de Março.

Alice ficou calada.

A Ratazana havia fechado os olhos a essa altura e estava cochilando, mas, ao ser beliscado pelo Chapeleiro, acordou novamente com um grito agudo e continuou:

— ...que começa com um M, como as maquinações, Marte, memórias e maravilhas. Você sabe que dizem que as coisas são “muito maravilhosas”. Você já viu algum puxar da maravilha?

— Ora, agora você me pergunta — Alice falou, muito confusa. — Eu não acho que...

— Então você não deveria falar — interrompeu o Chapeleiro.



© 1971 E. P. S.

CH

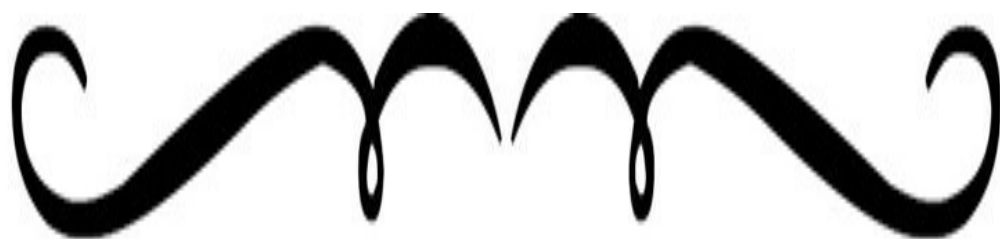
Essa grosseria era mais do que Alice podia suportar: ela levantou-se com grande desgosto e foi embora. A Ratazana adormeceu instantaneamente, e nenhum dos outros notou sua partida, embora ela olhasse para trás uma ou duas vezes, meio que esperando que a chamassem de volta. A última vez que os viu, eles estavam tentando colocar a Ratazana no bule de chá.

— De qualquer forma, nunca mais volto lá! — Alice exclamou enquanto caminhava pela floresta. — É a festa do chá mais estúpida de que já participei em toda a minha vida!

Assim que disse isso, ela notou que uma das árvores tinha uma porta que dava para si mesma. “Isso é muito curioso!”, ela pensou, “mas hoje tudo está curioso. Acho que posso entrar de uma vez.” E ela foi.

Mais uma vez, ela encontrou-se no grande salão e perto da mesinha de vidro. “Agora, dessa vez me sairei melhor”, disse para si mesma. Começou pegando a pequena chave de ouro e destrancando a porta que dava para o jardim. Então, ela foi mordiscando o cogumelo (ela guardara um pedaço no bolso) até ter cerca de trinta centímetros de altura. Depois, seguiu pela pequena passagem, e então, finalmente se encontrou no belo jardim, entre os canteiros de belíssimas flores e das fontes de água fresca.





CAPÍTULO VIII

O jogo de croquet da Rainha



Perto da entrada do jardim havia uma grande roseira. Suas rosas eram brancas, mas haviam três jardineiros ocupados pintando-as de vermelho. Alice achou isso uma coisa muito curiosa, e se aproximou para observá-los. Assim que fez isso, ouviu um deles dizer:

— Cuidado com isso, Cinco! Não salpique tinta sobre mim assim!

— Eu não pude evitar — Cinco falou em tom aborrecido. — O Sete sacudiu o meu cotovelo.

Foi quando Sete olhou para cima e disse:

— Isso mesmo, Cinco! Sempre coloque a culpa nos outros!

— É melhor você não falar! — avisou Cinco. — Ouvi a Rainha dizer ontem que você merecia ser decapitado!

— Por quê? — perguntou o que havia falado primeiro.

— Isso não é da sua conta, Dois! — bradou Sete.

— Sim, é problema dele! — Cinco replicou. — E eu direi: foi por levar raízes de tulipa para o cozinheiro, em vez de cebola.

Sete jogou o pincel e tinha começado a falar: “Bem, de todas as coisas injustas...” Quando seus olhos perceberam Alice, enquanto ela os observava, e ele repentinamente se calou. Os outros também olhavam em volta e todos se curvaram.

— Vocês poderiam me dizer, por favor — Alice pediu um pouco tímida —, por que estão pintando essas rosas?

Cinco e Sete não disseram nada, mas olharam para o Dois que falou em voz baixa:

— Ora, o fato é que, Senhorita, esta aqui deveria ter sido uma roseira vermelha, e colocamos uma branca por engano. Se a Rainha descobrir isso, todos teremos as cabeças cortadas, você sabe. Então veja, Senhorita, estamos fazendo o nosso melhor, antes que ela chegue até...

Nesse momento, Cinco, que estava olhando ansiosamente ao redor do jardim, gritou:

— A Rainha! A Rainha!

E os três jardineiros imediatamente se jogaram de bruços no chão. Houve um som de muitos passos, e Alice olhou em volta, ansiosa para ver a Rainha.

Primeiro vieram dez soldados carregando paus; tinham todos o mesmo formato

dos três jardineiros, eram alongados e chatos, com as mãos e os pés nos cantos. Em seguida, os dez cortesãos; estes estavam enfeitados com losangos vermelhos da cabeça aos pés e caminhavam dois a dois, tal como os soldados. Atrás vieram os infantes reais; eram dez, e os queridinhos vinham saltitando alegremente de mãos dadas, aos pares: estavam todos enfeitados com corações. Depois vinham os convidados, na maioria Reis e Rainhas, e entre eles Alice reconheceu o Coelho Branco: falava depressa, nervosamente, sorria de tudo que era dito e passou sem a notar. Seguia-os o Valete de Copas, transportando a coroa do Rei numa almofada de veludo vermelho; e por fim, fechando esse grande cortejo, vieram o rei e a rainha de copas.

Alice estava bastante duvidosa se não deveria se deitar com o rosto no chão como os três jardineiros, mas não se lembrava de ter ouvido falar dessa regra nos cortejos. “E, além disso, qual seria o uso de um cortejo”, pensou ela, “se todas as pessoas se deitassem de bruços, e não pudessem vê-lo?” Assim, continuou onde estava e esperou.

Quando o cortejo chegou em frente a Alice, todos pararam e a encararam, e a Rainha disse severamente:

— Quem é essa?

Ela perguntou isso ao Valete de Copas, que apenas se curvou e sorriu em resposta.

— Idiota! — a Rainha gritou, sacudindo a cabeça impaciente. Virando-se para Alice, ela prosseguiu — Qual é o seu nome, criança?

— Meu nome é Alice, se agrada a Vossa Majestade — Alice respondeu educadamente, mas acrescentou para si mesma: “Afinal, eles são apenas baralho de cartas. Não preciso ter medo deles!”

— E quem são esses? — questionou a Rainha, apontando para os três jardineiros que estavam caídos em volta da roseira; pois, como estavam deitados de bruços, e o padrão nas costas era o mesmo que o resto do bando, ela não sabia dizer se eram jardineiros, soldados, cortesãos ou três de seus próprios filhos.

— Como eu deveria saber? — falou Alice, surpresa com sua própria coragem.
— Não é da minha conta.

A Rainha ficou vermelha de fúria e, depois de encará-la por um momento como um animal selvagem, começou a gritar:

— Cortem-lhe a cabeça! Cortem...

— Bobagem! — Alice interrompeu, em um tom alto e decidido, e a Rainha ficou em silêncio.

O Rei colocou a mão no braço dela e disse timidamente:

— Considere, minha querida: ela é apenas uma criança!

A Rainha afastou-se zangada e disse ao Valete:

— Vire-os!



O Valete o fez com um pé, com muito cuidado.

— Levantem-se! — a Rainha ordenou com voz alta e estridente, e os três jardineiros saltaram instantaneamente e começaram a se curvar ao Rei, à Rainha, às crianças reais e a todos os outros.

— Parem com isso! — gritou a Rainha. — Vocês me deixam tonta. — E então, virando-se para a roseira, ela prosseguiu — O que vocês têm feito aqui?

— Se agradar Vossa Majestade — Dois respondeu em um tom humilde, ajoelhando-se enquanto falava —, estávamos tentando...

— Entendi! — interrompeu a Rainha, que estava examinando as rosas. — Cortem-lhes as cabeças!

E o cortejo seguiu em frente, três dos soldados ficando para trás para executar os infelizes jardineiros que correram para Alice em busca de proteção.

— Vocês não serão decapitados! — Alice declarou, e os colocou em um grande vaso de flor que ficava próximo. Os três soldados vagaram por um minuto ou dois, procurando por eles, e depois saíram em silêncio um atrás do outro.

— Eles estão sem cabeça? — berrou a Rainha.

— As cabeças se foram, se isso agradar a Sua Majestade! — os soldados gritaram em resposta.

— Está certo! — exclamou a Rainha. — Você sabe jogar croquet?

Os soldados ficaram em silêncio e olharam para Alice, pois a pergunta evidentemente era para ela.

— Sim! — bradou Alice.

— Vamos lá! — rugiu a Rainha, e Alice entrou na procissão, imaginando o que aconteceria a seguir.

— É... está um dia muito bom! — disse uma voz tímida ao seu lado. Ela estava passando pelo Coelho Branco, que estava olhando ansiosamente para o rosto dela.

— Muito! — Alice falou. — Onde está a Duquesa?

— Shh! Calada! — o Coelho disse em um tom baixo e apressado. Ele olhou ansiosamente por cima do ombro enquanto falava, e então se levantou na ponta das patas, colocou a boca perto da orelha dela e sussurrou: — Ela está sob sentença de execução.

— Por quê? — questionou Alice.

— Você disse “Que pena!”? — perguntou o Coelho.

— Não, não disse — Alice negou. — Não acho que seja tanta pena. Eu disse: Por quê?

— Deu um peteleco nas orelhas da Rainha — começou o Coelho. Alice deu um pequeno grito de risada.

— Oh, quieta! — O Coelho sussurrou em um tom assustado. — A Rainha vai ouvir! Você vê, ela chegou atrasada, e a Rainha disse...

— Vão para seus lugares! — a Rainha ordenou com uma voz de trovão, e as pessoas começaram a correr em todas as direções, trombando uma sobre as outras. No entanto, eles se arrumaram em um minuto ou dois, e o jogo começou.

Alice pensou que nunca havia visto um terreno de croquet tão curioso em sua vida: era todo de cumes e sulcos, as bolas de croquet eram ouriços vivos, os tacos eram flamingos vivos e os soldados tinham que se dobrar e ficar de pé com as mãos e os pés para formar os arcos.



A principal dificuldade que Alice encontrou no início foi manipular o flamingo. Ela conseguiu esconder o corpo confortavelmente, debaixo de seu braço, com as patas pendendo para baixo. Assim que ela deixava o pescoço bem esticado e ia dar um golpe com a cabeça no ouriço, ele se contorcia e olhava para o rosto com uma expressão tão confusa que ela não pôde deixar de explodir em risadas.

E quando abaixava a cabeça para começar de novo, era muito provocador descobrir que o ouriço havia se desenrolado e estava se arrastando para longe. Além de tudo isso, geralmente havia algum cume ou sulco no caminho para onde ela queria enviar o ouriço e, como os soldados dobrados estavam sempre se levantando e caminhando para outras partes do terreno, Alice logo chegou à conclusão de que realmente era um jogo muito difícil.

Todos os participantes jogavam ao mesmo tempo, sem esperar pela vez, brigando o tempo todo e lutando pelos ouriços. Em pouco tempo, a Rainha em fúria apaixonada, andava a passos largos e gritava:

— Cortem a cabeça dele! — E de vez em quando: — Cortem a cabeça dela!

Alice começou a se sentir muito inquieta. Para garantir, ela ainda não havia tido nenhuma disputa com a Rainha, mas sabia que isso poderia acontecer a qualquer momento. “E depois,” pensou ela, “o que seria de mim? Eles gostam muito de decapitar as pessoas aqui. É impressionante que reste alguém vivo!”

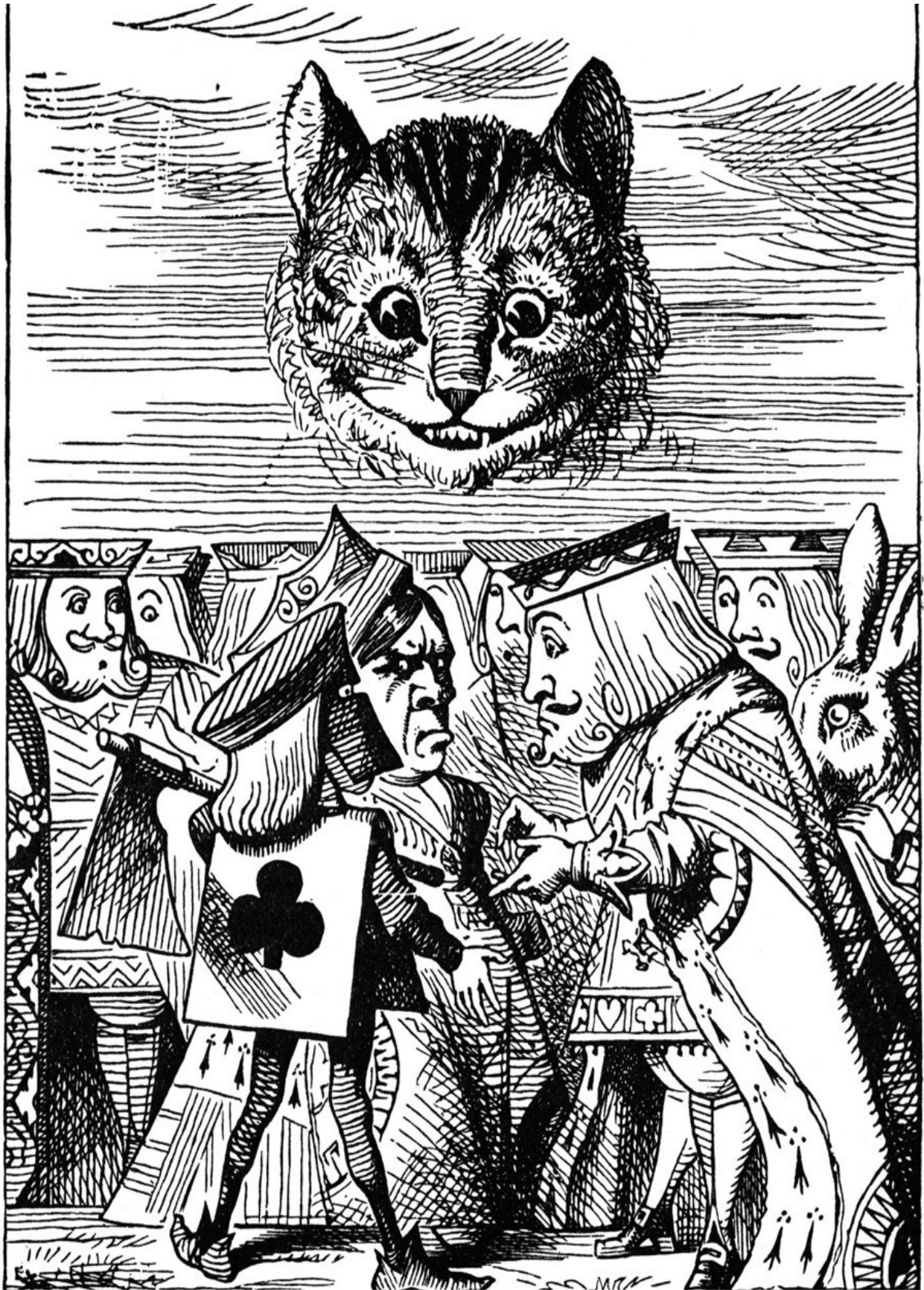
Ela estava procurando alguma maneira de escapar, e imaginando se conseguiria fazer isso sem ser vista, quando notou uma aparência curiosa no ar. No início, isso a intrigou muito, mas depois de observar por um minuto ou dois, percebeu um sorriso e disse para si mesma: “É o Gato de Cheshire. Agora terei alguém

com quem conversar.”

— Como está indo? — perguntou o Gato, assim que apareceu boca o suficiente para falar.

Alice esperou até os olhos aparecerem e depois acenou. “Não adianta falar com ele”, pensou ela, “até que seus ouvidos apareçam, ou pelo menos um deles”. Em outro minuto, toda a cabeça apareceu, e então Alice largou o flamingo e começou a contar sobre o jogo, sentindo-se muito feliz por ter alguém para ouvi-la. O Gato parecia pensar que agora havia o suficiente à vista, e nada mais dele apareceu.

— Não acho que joguem de maneira justa — Alice começou em um tom de queixa —, e todos brigam tão terrivelmente que não se pode ouvir a si mesmo falando. E eles parecem não ter regras específicas; pelo menos, se houver, ninguém as segue. E você não faz ideia de como é confuso que todas as coisas estejam vivas. Por exemplo, há o arco que tenho que percorrer na próxima caminhada do outro lado do terreno, e eu já deveria ter torturado o ouriço da Rainha, só que ele fugiu quando viu o meu chegando!



— Você gosta da Rainha? — o Gato perguntou em voz baixa.

— De jeito nenhum — Alice respondeu. — É tão...

Nesse momento, ela percebeu que a Rainha estava logo atrás dela, ouvindo. Então ela continuou:

— ...provável que vença, que dificilmente vale a pena terminar o jogo.

A Rainha sorriu e continuou caminhando.

— Com quem está falando? — perguntou o Rei, aproximando-se de Alice e olhando para a cabeça do Gato com grande curiosidade.

— É um amigo meu: um gato de Cheshire — Alice respondeu. — Permita-me apresentá-lo.

— Não gosto nada da aparência — o Rei declarou. — No entanto, pode beijar minha mão, se desejar.

— Prefiro não — observou o Gato.

— Não seja impertinente — o Rei bradou —, e não me olhe assim! — Ele ficou atrás de Alice enquanto falava.

— Um gato pode olhar para um Rei — Alice mencionou —, li isso em algum livro, mas não lembro qual.

— Bem, ele deve ser banido — o Rei falou decididamente, e chamou a Rainha que estava passando no momento. — Minha querida! Eu gostaria que você fizesse com que esse Gato fosse banido!

A Rainha tinha apenas uma maneira de resolver todas as dificuldades, grandes ou pequenas:

— Cortem-lhe a cabeça! — ordenou sem sequer olhar ao redor.

— Eu mesmo buscarei o carrasco — o Rei disse ansiosamente e saiu apressado.

Ao ouvir a voz da Rainha ao longe, gritando com furor, Alice pensou que poderia muito bem voltar e ver como o jogo estava indo. Ela já ouvira a sentença de três dos jogadores à execução por terem perdido a vez e não gostou nada da aparência das coisas, pois o jogo estava tão confuso que nem ela sabia se era sua vez ou não. Então saiu em busca de seu ouriço.

O ouriço estava envolvido em uma briga com outro ouriço, o que pareceu para Alice uma excelente oportunidade para bater um deles no outro. A única dificuldade era que o flamingo passara para o outro lado do jardim, onde Alice

podia vê-lo tentando, de uma maneira desajeitada, voar até uma árvore.

Quando pegou o flamingo e o trouxe de volta, a luta havia acabado, e os dois ouriços estavam fora de vista. “Mas não importa muito”, pensou Alice, “pois todos os arcos se foram desse lado”. Então, ela o colocou debaixo do braço, para que não escapasse novamente, e voltou para conversar um pouco mais com o amigo.

Ao retornar ao Gato de Cheshire, ficou surpresa ao encontrar uma grande multidão ao seu redor. Havia uma disputa entre o Carrasco, o Rei e a Rainha, que estavam falando ao mesmo tempo, enquanto todo o resto estava em silêncio e pareciam muito apreensivos.

No momento em que Alice apareceu, foi convocada pelos três para resolver a questão. Eles repetiram seus argumentos, embora, como falavam ao mesmo tempo, ela achou muito difícil entender exatamente o que disseram.

O argumento do Carrasco era que não poderia cortar uma cabeça, a menos que houvesse um corpo para cortá-lo, pois ele nunca havia feito isso antes, e não começaria naquela altura da vida.

O argumento do Rei era que qualquer coisa que tivesse cabeça poderia ser decapitada e que ele não deveria falar bobagem.

O argumento da Rainha era que, se algo não fosse feito imediatamente, ela faria com que todo mundo fosse executado. Foi essa última observação que fez toda a festa parecer tão séria e ansiosa.

Alice não conseguiu pensar em mais nada para dizer além de:

— Ele pertence à Duquesa. É melhor perguntá-la sobre isso.

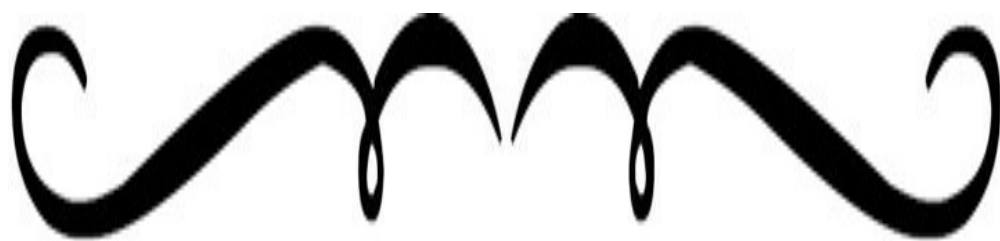
— Ela está na prisão — a Rainha falou ao Carrasco. — Traga-a aqui. — E o Carrasco disparou como uma flecha.

A cabeça do Gato começou a desaparecer desde o momento em que o Carrasco partiu, e, quando voltou com a Duquesa, havia desaparecido por completo. Então o Rei e o Carrasco correram loucamente para cima e para baixo procurando por ele, enquanto o resto dos convidados voltaram para o jogo.



PATHE-Je





CAPÍTULO IX

A história da Tartaruga Falsa



— Você não pode imaginar como estou feliz em vê-la novamente, queridinha! — a Duquesa declarou enquanto colocava o braço carinhosamente no de Alice e saíam juntas.

Alice ficou muito feliz em encontrá-la com um temperamento tão agradável e pensou consigo mesma que talvez fosse apenas a pimenta que a tornara tão selvagem quando se conheceram na cozinha. “Quando eu for Duquesa”, ela disse para si mesma (embora não com um tom de esperança), “não terei pimenta na minha cozinha. A sopa fica muito boa sem ela... Talvez seja sempre a pimenta que deixa as pessoas com temperamento forte”, ela continuou, muito satisfeita por ter descoberto um novo tipo de regra. “E vinagre que os torna azedos e camomila que os tornam amargos, e... e açúcar de cevada e as coisas que tornam as crianças com temperamento doce. Eu só queria que as pessoas soubessem disso: então elas não seriam tão mesquinhas, sabe.”

Ela já havia esquecido a Duquesa a essa altura e ficou um pouco assustada quando ouviu sua voz perto do ouvido:

— Você está pensando sobre algo, minha querida, e isso a faz esquecer de falar. Agora, não posso lhe dizer qual é a moral disso, mas vou me lembrar daqui a pouco.

— Talvez não haja uma — Alice aventurou-se a comentar.

— Ora, ora, criança! — a Duquesa falou. — Tudo tem uma moral, se souber encontrá-la. — E enquanto falava ela se apertou ainda mais do lado de Alice.

Alice não gostava muito de ficar tão perto dela. Primeiro, porque a Duquesa era muito feia e, segundo, porque tinha exatamente a altura certa para descansar o queixo sobre o ombro de Alice, e era desconfortavelmente pontudo. Todavia, não queria ser grosseira, então aguentou o melhor que pôde.

— O jogo está melhorando agora — falou, mantendo a conversa.

— É mesmo — disse a Duquesa — e a moral disso é: “Oh, esse amor, esse amor, que faz o mundo girar!”

— Alguém disse — Alice sussurrou — que isso é feito por todos que cuidam da própria vida!

— Ah bem! Significa quase a mesma coisa — a Duquesa respondeu, enfiando o queixo pontudo no ombro de Alice, e acrescentou: — e a moral disso é: “Cuide do sentido, e os sons cuidarão de si mesmos”.

“Como ela gosta de encontrar moral nas coisas!”, Alice pensou consigo mesma.

— Ouso dizer que está se perguntando por que não coloco meu braço em volta da sua cintura — disse a Duquesa após uma pausa. — O motivo é que duvido do temperamento do seu flamingo. Devo tentar o experimento?

— Ele pode bicar — Alice respondeu cautelosamente, sem se sentir ansiosa para tentar o experimento.

— É verdade — concordou a Duquesa. — Flamingos e mostarda bicam. E a moral disso é: “Aves de mesma pena voam juntas”.

— Só que mostarda não é uma ave — observou Alice.

— Certa, como sempre — falou a Duquesa. — Que maneira clara você tem de expressar as coisas!

— É um mineral, eu acho — disse Alice.

— Claro que sim — afirmou a Duquesa, que parecia pronta para concordar com tudo o que Alice dizia. — Há uma grande mina de mostarda aqui perto. E a moral disso é: “Quanto mais eu ganho, mais você perde”.

— Oh, eu sei! — exclamou Alice, que não havia prestado atenção nessa última observação — É um vegetal. Não se parece, mas é.

— Concordo plenamente com você — disse a Duquesa —, e a moral disso é: “Seja o que você parece ser’... ou, trocando em miúdos, ‘Nunca imagine que você mesma não é outra coisa senão o que poderia parecer a outros do que o que você fosse ou poderia ter sido não fosse senão o que você tivesse sido teria parecido a eles ser de outra maneira”.

— Acho que entenderia isso melhor se o visse por escrito; assim ouvindo, não consigo acompanhar muito bem — Alice comentou educadamente.

— Isso não é nada do que eu poderia dizer, se quisesse — a Duquesa replicou em um tom satisfeito.

— Suplico que não se dê ao trabalho de dizer mais do que isso — Alice implorou.

— Ah, não fale em trabalho! — pediu a Duquesa. — Eu lhe faço um presente de tudo que já disse até agora.

“Que presente barato!”, pensou Alice. “Fico feliz que não dão presentes de aniversário desse tipo!”, mas não se atreveu a dizer isso em voz alta.

— *Pensando de novo?* — *perguntou a Duquesa, com outra fincada do queixo pontudo.*

— Tenho o direito de pensar, Alice respondeu bruscamente, pois estava começando a se sentir preocupada.

— Tão certo quanto os porcos precisam voar, e a mo... — mas aqui, para grande surpresa de Alice, a voz da Duquesa desapareceu, mesmo no meio de sua palavra favorita: moral. O braço que estava ligado ao dela começou a tremer. Alice olhou para cima e lá estava a Rainha diante delas, com os braços cruzados, franzindo a testa como uma tempestade.

— Um bom dia, Majestade! — a Duquesa começou em voz baixa e fraca.

— Agora, dou-lhe um aviso justo — exclamou a Rainha, batendo no chão enquanto falava. — Você ou sua cabeça devem sumir, e já! Faça sua escolha!

A Duquesa fez a sua escolha e se foi em um momento.

— Vamos continuar com o jogo — ordenou a Rainha. Alice que estava com muito medo de dizer uma palavra, lentamente a seguiu de volta para o campo de croquet.

Os outros convidados aproveitaram a ausência da Rainha e estavam descansando na sombra. Contudo, no momento em que a viram, voltaram correndo para o jogo. A Rainha comentou que apenas um momento de atraso lhes custaria a vida.

O tempo todo em que estavam jogando, a Rainha nunca parava de brigar com os outros jogadores e gritar:

— Cortem a cabeça dele! — ou — Cortem a cabeça dela!

Aqueles a quem ela sentenciava eram detidos pelos soldados, que, é claro, tiveram que deixar de ser arcos para fazer isso. Por fim, depois de meia hora, não haviam arcos restantes, e todos os jogadores, exceto o Rei, a Rainha e Alice, estavam sob custódia e condenados à execução.

Então a Rainha parou sem fôlego, e disse a Alice:

— Você já viu a Tartaruga Falsa?

— Não — respondeu Alice. — Nem sei o que é uma Tartaruga Falsa.

— É disso que a sopa de Tartaruga Falsa é feita — afirmou a Rainha.

— Eu nunca vi nem ouvi falar de uma — declarou Alice.

— Vamos, então — falou a Rainha — e ela lhe contará sua história.

Enquanto se afastavam, Alice ouviu o Rei dizer em voz baixa, para todo o cortejo:

— Estão todos perdoados.

“Ora, isso é uma coisa boa!”, disse para si mesma, pois se sentia bastante infeliz com o número de execuções que a Rainha havia ordenado.

Logo encontraram um Grifo dormindo profundamente ao sol. (Se você não sabe o que é um Grifo, olhe para a ilustração).



— Que coisa mais preguiçosa! — exclamou a Rainha. — Leve essa moça para ver a Tartaruga Falsa e ouvir sua história. Devo voltar e ver algumas das execuções que ordenei. — Ela se afastou, deixando Alice sozinha com o Grifo. Alice não gostou muito da aparência da criatura, mas no geral, pensou que seria tão seguro ficar com ela quanto ir atrás daquela Rainha cruel. Então, esperou.

O Grifo sentou-se e esfregou os olhos. Depois observou a Rainha até sumir de vista. E então, riu.

— Que divertido! — disse o Grifo, meio para si, meio para Alice.

— Qual é a graça? — perguntou Alice.

— Ora, ela — respondeu o Grifo. — É tudo fantasia dela. Nunca executam ninguém, sabe? Vamos!

“Todo mundo diz, ‘vamos lá! Aqui!’ Nunca recebi tantas ordens em toda a minha vida, nunca!” Alice pensou enquanto seguia devagar.

Eles não haviam ido muito longe antes de verem a Tartaruga Falsa à distância, sentada em uma pequena borda de uma rocha, triste e solitária, e, quando se aproximaram, Alice pôde ouvi-lo suspirando como se seu coração fosse partir. Ela sentiu profunda pena dele.

— Por que ela está triste? — ela perguntou ao Grifo, o qual respondeu, quase nas

mesmas palavras de antes:

— É tudo fantasia dela: ela não está triste, sabe. Vamos!

Então foram até a Tartaruga Falsa, que olhou para eles com grandes olhos cheios de lágrimas, mas não disse nada.

— Esta jovem aqui — iniciou o Grifo — quer conhecer sua história. Ela realmente quer.

— Contarei a ela — avisou a Tartaruga Falsa em um tom profundo e vazio. — Sentem-se, vocês dois, e não digam uma palavra até que eu termine.

Então eles se sentaram e ninguém falou por alguns minutos. Alice pensou consigo mesma: “Não vejo como pode terminar, se não começar”. Mas esperou pacientemente.

— Uma vez — a Tartaruga Falsa finalmente disse com um suspiro profundo —, eu era uma tartaruga de verdade.

Essas palavras foram seguidas por um silêncio muito longo, interrompido apenas por uma exclamação ocasional de “Hjckrrh!” do Grifo, e os constantes soluços pesados da Tartaruga Falsa. Alice estava quase se levantando e dizendo: “Obrigado, senhor, por sua história interessante”, mas não pôde deixar de pensar que devia haver mais por vir, então ficou quieta e não disse nada.

— Quando éramos pequenos — a Tartaruga Falsa prosseguiu com mais calma, embora ainda chorando um pouco de vez em quando — fomos para a escola no mar. O professor era um velho tartaruga... costumávamos chama-lo de Cágado.

— Por que vocês o chamavam de Cágado, se ele não era um? — Alice questionou.

— Nós o chamávamos de Cágado porque ele nos ensinou — a Tartaruga Falsa disse com raiva. — Você realmente é muito chata!



— Você deveria ter vergonha de fazer uma pergunta tão simples — acrescentou o Grifo. Então, os dois ficaram em silêncio e olharam para a pobre Alice, que se sentia pronta para se enfiar na terra. Por fim, o Grifo disse à Tartaruga Falsa: — Prossiga, velho companheiro! Não fique o dia inteiro nisso!

E ela continuou com essas palavras:

— Sim, fomos para a escola no mar, embora você possa não acreditar...

— Eu nunca disse que não acredito! — interrompeu Alice.

— Você disse — replicou a Tartaruga Falsa.

— Segure essa língua! — acrescentou o Grifo, antes que Alice pudesse falar novamente. A Tartaruga Falsa continuou:

— Tivemos a melhor educação. Na verdade, estudávamos todos os dias...

— Também frequentei uma escola diária — bradou Alice. — Você não precisa ter tanto orgulho disso.

— Com extras? — perguntou a Tartaruga Falsa, um pouco ansiosa.

— Sim — respondeu Alice —, aprendíamos francês e música.

— E lavanderia? — questionou a Tartaruga Falsa.

— Certamente que não! — Alice falou indignada.

— Ah! Então a sua escola não era realmente boa — disse a Tartaruga Falsa em um tom de grande alívio. — Agora, na nossa, eles tinham no final do boletim: Extras - Francês, Música e Lavanderia.

— Você não precisava muito disso — Alice observou —, vivendo no fundo do mar.

— Eu não podia me dar ao luxo de aprender essa matéria — a Tartaruga Falsa replicou com um suspiro. — Eu só fiz o curso regular.

— O que era isso? — questionou Alice.

— É óbvio que, para começar, Cambaleiar e Contorcer — respondeu a Tartaruga Falsa. — E depois os diferentes ramos da Aritmética: Ambição, Distração, Enfeização e Escárnio.

— Nunca ouvi falar de Enfeização — Alice se aventurou a dizer. — O que é

isso?

O Grifo levantou as duas patas em surpresa.

— Nunca ouviu falar de enfeiar! — exclamou.

— Você sabe o que é embelezar, eu suponho?

— Sim... — Alice confirmou, duvidosamente. — Significa... fazer... qualquer coisa... mais bonita.

— Bem, então — continuou o Grifo — se não sabe o que é enfeização, você é uma estúpida.

Alice não se sentiu incentivada a fazer mais perguntas sobre isso, então se virou para a Tartaruga Falsa e perguntou:

— O que mais você queria aprender?

— Bem, havia Mistério — a Tartaruga Falsa respondeu, contando os assuntos.

— Mistério, antigo e moderno, como a Oceanografia, depois Arrastar. O Mestre de Arrastar era uma velha Enguia que costumava vir uma vez por semana. Ela nos ensinava a Arrastar, Esticar e Desmaiar em espiral.

— Como era isso? — questionou Alice.

— Bem, eu mesmo não posso mostrar isso — a Tartaruga Falsa respondeu. — Eu sou muito dura e o Grifo nunca aprendeu.

— Não tive tempo — explicou o Grifo. — No entanto, fui ao Mestre Clássico. Ele era um Caranguejo velho, ele era.

— Nunca fui a ele — a Tartaruga Falsa falou com um suspiro. — Ele ensinava Risos e Luto, costumava dizer.

— Era isso, isso mesmo — afirmou o Grifo, por sua vez suspirando, e as duas criaturas esconderam o rosto nas patas.

— E quantas horas por dia você fazia aulas? — perguntou Alice, com pressa de mudar de assunto.

— Dez horas no primeiro dia — respondeu a Tartaruga Falsa —, nove no dia seguinte, e assim por diante.

— Que plano curioso! — exclamou Alice.

— Essa é a razão pela qual eles são chamados de lições — observou o Grifo —, por que elas são porções a cada dia.

Essa era uma ideia completamente nova para Alice, e ela pensou um pouco antes de fazer sua próxima observação:

— Então o décimo primeiro dia deve ter sido um feriado?

— Claro que foi — confirmou a Tartarua Falsa.

— E como você conseguiu no décimo segundo dia? — Alice prosseguiu ansiosamente.

— Já chega de lições — interrompeu o Grifo em tom decisivo. — Agora conte-lhe sobre os jogos.





CAPÍTULO X

A Quadrilha de Lagosta



A Tartaruga Falsa suspirou profundamente e passou o dorso de uma pata sobre os olhos. Ele olhou para Alice e tentou falar, mas por um minuto ou dois, soluços embargaram sua voz.

— Seria o mesmo se ele estivesse com um osso na garganta, — falou o Grifo e começou a sacudi-lo e socá-lo nas costas. Por fim, a Tartaruga Falsa recuperou a voz e, com lágrimas escorrendo pelo rosto, continuou:

— Você pode não ter vivido no fundo do mar...

— Eu não — interrompeu Alice.

— ...e talvez nunca tenha sido apresentado a uma lagosta...

Alice começou a dizer: “Eu já provei”, mas se controlou rapidamente e disse:

— Não, nunca.

— ...para que possa ter uma ideia de como uma Quadrilha de Lagosta é deliciosa!

— Realmente, não — respondeu Alice. — Que tipo de dança é essa?

— Ora — explicou o Grifo —, primeiro se forma uma fila ao longo da praia.

— Duas filas! — exclamou a Tartaruga Falsa. — Focas, Tartarugas, Salmões, e assim por diante. Então, quando você remover todas as águas-vivas do caminho...

— Isso geralmente leva um tempo — interrompeu o Grifo.

— ...você avança duas vezes...

— Cada um com uma Lagosta como parceiro! — exclamou o Grifo.

— É claro — concordou a Tartaruga Falsa. — Avance duas vezes, junte com o parceiro.

— Troque de Lagostas e retire-se na mesma ordem — continuou o Grifo.

— Então, você sabe — prosseguiu a Tartaruga Falsa — você joga...

— As lagostas! — gritou o Grifo, com um salto no ar. — Tão longe no mar quanto você puder, e nade atrás delas! — bradou.

— Vire uma cambalhota no mar! — exclamou a Tartaruga Falsa.

— Troque de Lagostas de novo! — berrou o Grifo o mais alto que pôde.

— De volta à terra, e essa é a primeira parte — a Tartaruga Falsa falou, baixando a voz repentinamente, e as duas criaturas que estavam pulando como loucas o tempo todo, sentaram-se de novo muito tristes, e, silenciosamente, olharam para Alice.

— Deve ser uma dança muito bonita — Alice disse timidamente.

— Gostaria de ver um pouco disso? — perguntou a Tartaruga Falsa.

— Com certeza — afirmou Alice.

— Venha, vamos tentar a primeira parte! — falou a Tartaruga Falsa para o Grifo.
— Podemos fazer isso sem as Lagostas, sabe. Quem irá cantar?

— Oh, você canta — pediu o Grifo. — Eu esqueci a letra.

Então eles começaram a dançar solenemente ao redor de Alice, de vez em quando pisando na ponta dos pés quando passavam muito perto, e agitando as patas dianteiras para marcar o tempo, enquanto a Tartaruga Falsa cantava isso de forma muito lenta e triste:

“Pode andar um pouco mais rápido?”, Disse um badejo ao caracol.

“Há um Golfinho logo atrás de nós, empolgado para a dança.

Veja como as lagostas e as tartarugas avançam!

Eles estão esperando na praia - você irá dançar?

Você vai ou não vai, não vai ou vai entrar na dança?

Você vai ou não vai, não vai ou vai entrar na dança?

“Você realmente não tem noção de como é maravilhoso

Quando nos pegam e nos jogam, para longe no mar!”

Mas o caracol respondeu “Longe demais, longe demais!”

E deu uma olhada temeroso...

Disse que agradeceu gentilmente o Golfinho, mas não quis dançar.

Não, não poderia, não, não poderia, não

juntar-se à dança.

Não, não poderia, não, não poderia, não poderia

juntar-se à dança.

“O que importa até onde vamos?”, Seu amigo escamoso respondeu:

“Existe uma outra margem, você sabe, do outro lado.

Quanto mais longe da Inglaterra, mais perto fica a França -

Então não fique pálido, caracol amado, mas venha se juntar à dança.

Você vai, não vai, não vai, vai se juntar a dança?

Você, você não, você não, você não se juntará a dança?

— Obrigada, é uma dança muito interessante de assistir, — Alice declarou, sentindo-se muito feliz por finalmente ter terminado. — E eu gosto dessa curiosa música sobre o badejo!

— Oh, quanto ao badejo — falou a Tartaruga Falsa —, eles... você os viu, é claro?

— Sim — disse Alice —, muitas vezes no jan... — Ela se controlou rapidamente.

— Não sei onde esse Jan pode estar — replicou a Tartaruga Falsa —, mas se o vê com tanta frequência, é claro que sabe como ele é.

— Acredito que sim — respondeu Alice, pensativa. — Eles têm a cauda na boca, e ficam sobre a farofa.

— Você está errada sobre a farofa — falou a Tartaruga Falsa. — Toda a farofa é levada pelo mar. Mas eles têm as caudas nas bocas, e o motivo é... — A Tartaruga Falsa bocejou e fechou os olhos.

— Conte a ela sobre o motivo de tudo isso — pediu o Grifo.

— O motivo é que eles iam com as Lagostas para a Quadrilha — explicou o Grifo. — Então, eles eram jogados no mar e tinham que percorrer um longo caminho. Assim, prenderam as caudas nas bocas, e não conseguiram tirá-las novamente. É isso.

— Obrigada — disse Alice —, é muito interessante. Nunca soube tanto sobre um badejo antes.

— Eu posso lhe contar mais do que isso, se desejar — falou o Grifo. — Você sabe por que é chamado de badejo?

— Eu nunca pensei sobre isso — respondeu Alice. — Por quê?

— Faz as botas e os sapatos com molejo — o Grifo respondeu muito solenemente.

Alice estava completamente intrigada.

— As botas e os sapatos! — Ela repetiu em um tom de dúvida.

— Por que seus sapatos estão lustrosos? — perguntou o Grifo. — Quero dizer, o que os torna tão brilhantes?

Alice olhou para eles e considerou um pouco antes de dar sua resposta:

— São lustrados, eu acredito.

— Botas e sapatos no fundo do mar — continuou o Grifo em uma voz profunda —, são acabados com badejo. Agora você sabe.

— E do que eles são feitos? — Alice questionou em um tom de grande curiosidade.

— De linguado e enguias, é claro — o Grifo respondeu impaciente. — Qualquer camarão poderia ter lhe dito isso.

— Se eu fosse o badejo — disse Alice, cujos pensamentos ainda estavam em andamento com a música —, teria dito ao Golfinho: Afasto-se, por favor. Não queremos você conosco.

— Eles foram obrigados a tê-lo — falou a Tartaruga Falsa. — Nenhum peixe sábio iria a lugar algum sem um Golfinho.

— Não iria mesmo? — questionou Alice em um tom de grande surpresa.

— É claro que não — respondeu a Tartaruga Falsa. — Ora, se um peixe vier até

mim e me disser que estava viajando, eu deveria perguntar: “Com qual Golfinho?”

— Você não quis dizer: “motivo”? — perguntou Alice.

— Eu quis dizer o que falei — a Tartaruga Falsa respondeu em um tom ofendido.

E o Grifo acrescentou:

— Venha, vamos ouvir algumas de suas aventuras.

— Eu poderia contar minhas aventuras a partir desta manhã — disse Alice um pouco timidamente —, mas não adianta voltar para ontem, porque eu era uma pessoa diferente na época.

— Explique tudo isso — pediu a Tartaruga Falsa.

— Não, não! As aventuras primeiro — bradou o Grifo em tom impaciente. — As explicações levam um tempo tão terrível.

Então Alice começou a contar-lhes suas aventuras desde o momento em que viu o Coelho Branco. No início, ela estava um pouco nervosa com o fato das duas criaturas chegarem tão perto dela, uma de cada lado, e abrirem os olhos e bocas muito amplamente, mas conseguiu coragem ao continuar. Seus ouvintes ficaram

perfeitamente calados até que chegou à parte sobre repetir “Você é velho, Pai William”, para a Lagarta, e as palavras estarem todas diferentes. Então a Tartaruga Falsa respirou fundo e disse:

— Isso é muito curioso.

— É tudo o mais curioso possível — concordou o Grifo.

— Tudo ficou diferente! — repetiu a Tartaruga Falsa, pensativa. — Gostaria de ouvi-la tentar repetir algo agora. Diga-lhe para começar. — Ele olhou para o Grifo como se achasse que possuía algum tipo de autoridade sobre Alice.

— Levante-se e repita: “Esta é a voz da Lagosta”, — ordenou o Grifo.

“Como as criaturas ordenam e nos fazem repetir lições! Eu poderia estar logo na escola”, pensou Alice. No entanto, levantou-se e começou a repetir, mas sua cabeça estava cheia da Quadrilha da Lagosta, que mal sabia o que estava dizendo, e as suas palavras ficaram muito esquisitas:

“Esta é a voz da Lagosta, eu a ouvi declarar:

‘Você me esqueceu no forno, e me deixou torrar’.

Como o pato faz com os olhos, ela faz com o nariz

ajeita o conto e os botões, e parece até feliz.

*Se as areias estão secas, ela canta como a cotovia,
e fala do tubarão com desdém e ironia.
No entanto, se a maré sobe e o tubarão está ao redor,
some toda a zombaria, pois o medo é bem maior.”*

— Isso é diferente do que eu costumava recitar quando era pequeno —
comentou o Grifo.



— Bem, nunca ouvi isso antes — afirmou a Tartaruga Falsa —, mas parece um absurdo incomum.

Alice não disse nada; sentou-se novamente com o rosto nas mãos, imaginando se alguma coisa iria acontecer de maneira natural novamente.

— Gostaria de ter isso explicado — falou a Tartaruga Falsa.

— Ela não pode explicar — o Grifo disse às pressas —, continue com o próximo verso.

— Mas sobre as pálpebras? — a Tartaruga Falsa persistiu. — Como ele conseguiu tirá-los com o nariz, você sabe?

— Essa parte é a primeira posição da dança, — divagou Alice, mas ela estava terrivelmente intrigada com a coisa toda e desejava mudar de assunto.

— Continue com o próximo verso. — repetiu o Grifo, impaciente. — Ele começa: “Eu passei por jardim”.

Alice não se atreveu a desobedecer, embora tivesse certeza de que tudo desse errado, e continuou com uma voz trêmula:

“Eu passei por seu jardim, e reparei com os olhos,

Como a coruja e a ostra dividiam os espelhos”.

— De que adianta repetir isso — interrompeu a Tartaruga Falsa —, se não explica conforme continua? É de longe a coisa mais confusa que já ouvi!

— Sim, acho melhor você parar — o Grifo pediu, e Alice ficou muito feliz em fazê-lo.

— Vamos tentar outra parte da Quadrilha da Lagosta? — sugeriu o Grifo. Ou você gostaria que a Tartaruga Falsa cantasse uma música?

— Oh, uma música, por favor, se a Tartaruga Falsa for tão gentil — respondeu Alice, tão ansiosamente que o Grifo disse, num tom bastante ofendido:

— Hum! Não há contabilização de gostos! Cante para ela “Sopa de tartaruga”, vai, companheiro?

A Tartaruga Falsa suspirou profundamente e começou, com uma voz que às vezes ficava sufocada por soluços, a cantar o seguinte:

“Tão rica e verde, era a sopa de tartaruga,

Esfriando dentro da quente sopeira.

Quem por ela não suspira e não espera?

Sopa da noite, que bela sopa!

Sopa da noite, que bela sopa!

Oh... be...la... so... pa...

Oh... be...la... so... pa...

So...pa... da... noi....te...

Bela, bela sopa

Que bela sopa! Quem que saber de lasanha?

De fricassê ou de galinha à francesa?

Uma sopinha quentinha na caneca,

Não dá vontade de tirar uma soneca?

Oh... be...la... so... pa...

Oh... be...la... so... pa...

So...pa... da... noi....te...

Bela, bela sopa!

— O coro de novo! — gritou o Grifo, e a Tartaruga Falsa mal havia começado a repeti-lo, quando o brado “O julgamento está começando!” foi ouvido à distância.

— Vamos lá! — bradou o Grifo e, pegando Alice pela mão, apressou-se sem esperar pelo fim da música.

— Que julgamento é esse? — Alice ofegou enquanto corria, mas o Grifo apenas respondeu “Vamos!” e correu mais rápido, enquanto as palavras melancólicas vinham mais fracamente carregadas pela brisa que os seguia:

Oh... be...la... so... pa...

Oh... be...la... so... pa...

So...pa... da... noi....te...

Bela, bela sopa!



J. Tenniel del.



CAPÍTULO XI

Quem roubou as tortas?



O Rei e a Rainha de Copas estavam sentados em seus tronos quando chegaram, com uma grande multidão reunida ao redor – todos os tipos de passarinhos e bestas, além de todas as cartas do baralho. O Valete estava diante deles, acorrentado, com um soldado de cada lado para vigiá-lo, e perto do Rei estava o Coelho Branco, com uma trombeta em uma mão e um pergaminho na outra. Bem no meio do tribunal, havia uma mesa com um grande prato de tortas. Elas pareciam tão boas que Alice ficou com muita fome ao olhá-las. “Eu gostaria que concluíssem o julgamento”, ela pensou, “e entregassem as bebidas!”. Mas parecia não haver chance disso, então ela começou a olhar para tudo ao seu redor para passar o tempo.

Alice nunca havia estado em um tribunal de justiça antes, mas lera sobre eles em livros e ficou bastante satisfeita ao descobrir que sabia o nome de quase tudo ali. “Esse é o juiz”, ela disse a si mesma, “por causa de sua grande peruca”.

A propósito, o juiz era o Rei, e enquanto usava a coroa sobre a peruca (olhe para o frontispício, se quiser ver como ele fez isso), ele não parecia nada confortável, e certamente não estava.

“E essa é a bancada do júri”, pensou Alice, “e essas doze criaturas” (veja bem, ela era obrigada a dizer “criaturas”, porque algumas eram animais e outras eram pássaros) “suponho que são os jurados”. Ela disse essa última palavra duas ou três vezes para si mesma para se orgulhar disso, pois pensava, e com razão, que muitas poucas meninas de sua idade sabiam o significado daquilo. No entanto, os “jurados” teriam feito o mesmo.

Todos os doze jurados escreviam muito atarefados em lousas.

— O que eles estão fazendo? — Alice sussurrou para o Grifo. — Eles não podem ter nada para anotar ainda, antes do início do julgamento.

— Estão anotando seus nomes — o Grifo sussurrou em resposta —, por medo de esquecê-los antes do final do julgamento.

— Estúpidos! — Alice gritou com uma voz alta e indignada, mas deteve-se às pressas, pois o Coelho Branco gritou: “Silêncio na corte!”, e o Rei colocou os óculos e olhou ansiosamente ao redor, para descobrir quem estava falando.

Alice podia ver, como se estivesse olhando por cima dos ombros, que todos os jurados estavam escrevendo “estúpidos!” em suas lousas, e ela podia até perceber que um deles não sabia soletrar “estúpido”, porque ele teve que pedir ao vizinho que lhe dissesse. “Suas lousas estarão uma grande confusão antes do fim do julgamento!”, pensou Alice.

Um dos jurados tinha um lápis que rangia. Isso, é claro, Alice não podia suportar. Ela deu a volta na corte, ficou atrás dele, e logo encontrou uma oportunidade de pegar o lápis. Ela fez isso tão rapidamente que o pobre pequeno jurado (era Bill, o Lagarto) não conseguiu entender o que havia acontecido. Então, depois de procurar por todo lado, ele foi obrigado a escrever com um dedo pelo resto do dia; e isso foi de pouca utilidade, pois não deixou marcas na lousa.

— Mensageiro, leia a acusação! — ordenou o Rei.

Com isso, o Coelho Branco tocou três toques na trombeta, em seguida, desenrolou o pergaminho e leu o seguinte:

“A Rainha de Copas fez várias toras,

Tudo em um dia de verão,

O Valete de Copas roubou as tortas,

Pensando: ‘nunca descobrirão!’”

— Considerem seu veredito — o Rei disse ao júri.

— Ainda não, ainda não! — o Coelho interrompeu apressadamente. — Há muita coisa por vir antes disso!

— Chame a primeira testemunha — ordenou o Rei; e o Coelho Branco tocou três toques na trombeta e gritou:

— A primeira testemunha!

A primeira testemunha era o Chapeleiro. Ele entrou com uma xícara de chá em uma mão e um pedaço de pão de manteiga na outra.

— Peço perdão, Vossa Majestade — ele começou —, por trazê-los, mas ainda não havia terminado meu chá quando fui chamado.

— Deveria ter terminado — o Rei observou. — Quando você começou?

O Chapeleiro olhou para a Lebre de Março, que o seguira até o tribunal de braços dados com a Ratazana.

— Acho que foi no dia quatorze de março — a Lebre respondeu.

— Dia quinze — a Lebre de Março interpôs.

— Dia dezesseis — acrescentou a Ratazana.

— Anotem isso — o Rei pediu ao júri, e eles anotaram as três datas em suas lousas com entusiasmo, depois os somaram e reduziram as respostas a xelins e moedas.

— Tire o chapéu — o Rei ordenou ao Chapeleiro.

— Não é meu — o Chapeleiro respondeu.

— Roubado! — exclamou o Rei, voltando-se para o júri, que instantaneamente fez um memorando do fato.

— Eu os mantenho para vender — acrescentou o Chapeleiro como explicação.
— Não tenho nenhum. Eu sou um chapeleiro.



20

Foi quando a Rainha colocou os óculos e começou a encarar o Chapeleiro, que empalideceu e se remexeu.

— Entregue sua evidência — o Rei disse — e não fique nervoso, ou eu o executarei aqui mesmo.

Isso não pareceu encorajar a testemunha. Ele continuou mudando de um pé para o outro, olhando inquieto para a Rainha e, confuso, mordeu um pedaço grande da xícara de chá ao invés do pão com manteiga.

Neste exato momento, Alice sentiu uma sensação muito curiosa, que a deixou intrigada até descobrir o que era: estava crescendo novamente. A princípio, considerou se levantar e sair do tribunal, mas pensando novamente, decidiu permanecer onde estava, desde que houvesse espaço para ela.

— Gostaria que você não apertasse tanto — a Ratazana comentou, já que estava sentado ao lado dela. — Eu mal consigo respirar.

— Não posso evitar — Alice respondeu humildemente. — Estou crescendo.

— Você não tem o direito de crescer aqui — a Ratazana falou.

— Não fale bobagem — Alice disse com mais ousadia. — Você sabe que também está crescendo.

— Sim, mas eu cresço em um ritmo razoável — a Ratazana contrapôs —, não dessa maneira ridícula. — E ele se levantou de mau humor e atravessou para o outro lado da corte.

Durante todo esse tempo, a Rainha nunca parou de encarar o Chapeleiro e, quando a Ratazana atravessou a corte, ela disse a um dos oficiais:

— Traga-me a lista dos cantores do último show!

Foi quando o miserável Chapeleiro tremia tanto que sacudiu e tirou os dois sapatos.

— Entregue sua evidência — o Rei repetiu com raiva — ou mandarei executá-lo, esteja nervoso ou não.

— Sou um pobre homem, Majestade — o Chapeleiro começou a falar, com voz trêmula. — Não tinha começado meu chá... até aproximadamente uma semana... e o pão com manteiga foi ficando tão fino... e o brilho do chá...

— O brilho do quê? — perguntou o Rei.

— Do chá! Estava começando a cegar... — o Chapeleiro respondeu.

— É claro que chá começa com CH! — o Rei interrompeu bruscamente. — Você acha que sou ignorante? Continue!

— Sou um pobre homem — continuou o Chapeleiro —, e a maioria das coisas brilhavam depois daquilo... Só que a Lebre de Março falou que...

— Eu não! — a Lebre de Março interrompeu com muita pressa.

— Você sim! — afirmou o Chapeleiro.

— Eu nego! — declarou a Lebre de Março.

— Ele nega — disse o Rei. — Deixe essa parte de fora.

— Bem, de qualquer forma, a Ratazana disse... — continuou o Chapeleiro, olhando ansiosamente em volta para ver se ele também negaria. Mas a Ratazana não negou nada, pois dormia profundamente. — Depois disso, eu cortei mais pão com manteiga... — continuou o Chapeleiro.

— Mas o que a Ratazana disse? — perguntou um dos jurados.

— Isso não me lembro — respondeu o Chapeleiro.

— Você deve se lembrar — observou o Rei — ou mandarei executá-lo.

O miserável Chapeleiro deixou cair a xícara de chá e o pão com manteiga e caiu de joelhos:

— Eu sou um pobre homem, Majestade — ele começou.

— Você é um orador muito ruim — comentou o Rei.

Nessa hora, um dos porquinhos-da-índia aplaudiu e foi imediatamente reprimido pelos oficiais do tribunal. (Como reprimir é uma palavra bastante difícil, explicarei a você como foi feito. Eles tinham uma grande sacola de lona, a qual amarraram na boca com barbantes. Para isso, eles primeiro colocaram o porquinho-da-índia de cabeça e depois sentaram-se sobre ele).

“Estou feliz por ter visto isso acontecer”, pensou Alice. “Muitas vezes li nos jornais, no final dos julgamentos, ‘houve alguma tentativa de aplausos, que foi imediatamente reprimida pelos oficiais do tribunal’, e nunca entendi o que isso significava até agora”.

— Se é tudo que sabe sobre isso, você pode descer — continuou o Rei.

— Não posso descer — o Chapeleiro disse. — Estou no chão, como pode ver.

— Então pode se sentar — respondeu o Rei. Nesse momento, outro porquinho-

da-índia aplaudiu e foi reprimido.

“Bem, agora não há mais porquinhos-da-índia!”, pensou Alice. — “Agora nos sairemos melhor.”

— Prefiro terminar o meu chá — pediu o Chapeleiro, com um olhar ansioso para a Rainha, que estava lendo a lista de cantores.



— Você pode ir — falou o Rei, e o Chapeleiro saiu às pressas da corte, sem sequer esperar para calçar os sapatos.

— E cortem-lhe a cabeça do lado de fora — acrescentou a Rainha a um dos oficiais, mas o Chapeleiro estava fora de vista antes que o oficial pudesse chegar à porta.

— Chame a próxima testemunha! — ordenou o Rei.

A testemunha seguinte foi a cozinheira da Duquesa. Ela carregava a caixa de pimenta na mão e Alice adivinhou quem era, mesmo antes de entrar na corte, pelo jeito que as pessoas próximas à porta começaram a espirrar de uma vez só.

— Entregue sua evidência — pediu o Rei.

— Não vou — declarou a cozinheira.

O Rei olhou ansiosamente para o Coelho Branco, que disse em voz baixa:

— Sua Majestade deve interrogar esta testemunha.

— Bem, se devo, devo — o Rei disse com um ar melancólico e, depois de cruzar os braços e franzir a testa para a Cozinheira até que seus olhos quase não

pudessem ser vistos, e disse em uma voz profunda: — De que as tortas são feitas?

— Principalmente pimenta — a Cozinheira respondeu.

— Melaço — disse uma voz sonolenta atrás dela.

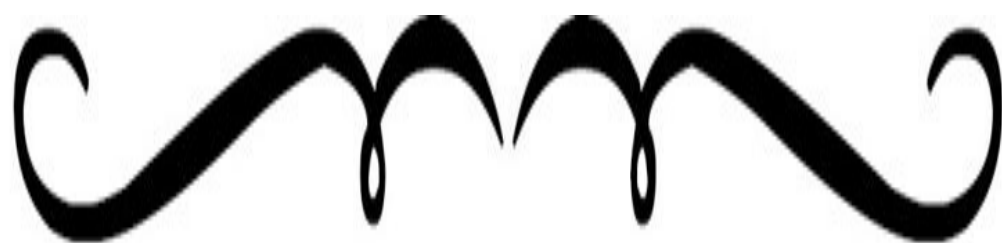
— Capture essa Ratazana! — a Rainha gritou. — Decapite-a! Tire-a do tribunal! Sufoque-a! Aperte-a! Arranque os seus bigodes!

Por alguns minutos, toda a corte ficou confusa, tentando expulsar a Ratazana, e quando se estabeleceram novamente, a Cozinheira havia desaparecido.

— Não importa! — o Rei disse com um ar de grande alívio. — Chame a próxima testemunha. — E acrescentou em voz baixa à Rainha: — Realmente, minha querida, você deve interrogar a próxima testemunha. Isso faz a minha testa doer!

Alice observou o Coelho Branco enquanto ele se atrapalhava com a lista, sentindo-se muito curiosa para ver qual seria a próxima testemunha, “porque eles ainda não têm muita evidência”, disse a si mesma. Imagine sua surpresa quando o Coelho Branco leu, no alto de sua voz estridente, o nome “Alice!”.





CAPÍTULO XII

O depoimento de Alice



— A qui! — exclamou Alice, esquecendo-se no momento da agitação que crescera nos últimos minutos, e pulou com tanta pressa que derrubou a bancada do júri com a ponta da saia, jogando todos os jurados sobre a cabeça da multidão lá embaixo, e ali esparramados, a lembrava muito de um aquário de um peixe dourado que ela acidentalmente derrubara na semana anterior.

— Oh, eu imploro seu perdão! — exclamou em tom de grande consternação, e começou a pegá-los novamente o mais rápido possível, pois o acidente do peixe dourado continuava passando em sua cabeça, e ela tinha a vaga ideia de que deveriam ser coletados de uma só vez e recolocados na bancada de júri, ou eles morreriam.

— O julgamento não pode prosseguir — o Rei declarou em uma voz muito grave — até que todos os jurados estejam de volta aos seus devidos lugares. Todos. — Ele repetiu com grande ênfase, olhando com firmeza para Alice enquanto dizia.

Alice olhou para a bancada do júri e viu que, na pressa, colocara o Lagarto de cabeça para baixo, e o coitadinho estava agitando o rabo de uma maneira melancólica, sendo bastante incapaz de se mover. Ela logo saiu de novo e o ajeitou. “Não que isso signifique muito”, disse para si mesma; “acho que seria tão útil no julgamento de uma maneira como de outra”.

Assim que o júri se recuperou um pouco do choque de ficar de cabeça para baixo, e suas lousas e lápis foram encontrados e devolvidos, eles começaram a trabalhar muito diligentemente para escrever a história do acidente. Todos, exceto o Lagarto, que parecia derrotado demais para fazer qualquer coisa além de sentar com a boca aberta olhando para o teto da corte.

— O que sabe sobre esse negócio? — perguntou o Rei a Alice.

— Nada — respondeu Alice.

— Absolutamente nada? — persistiu o Rei.

— Absolutamente nada — confirmou Alice.

— Isso é muito importante — disse o Rei, voltando-se para o júri. Eles estavam começando a escrever isso nas lousas, quando o Coelho Branco interrompeu:

— Sem importância, Sua Majestade quis dizer, é claro — ele falou em um tom respeitoso, mas franzindo a testa e fazendo caretas enquanto falava.

— Sem importância, é claro, eu quis dizer — o Rei disse apressadamente, e continuou consigo mesmo em tom baixo: “importante, sem importância, sem importância, importante”, como se estivesse tentando ver quais palavras soavam melhor.

Alguns dos jurados o escreveram como “importante” e outros “sem importância”. Alice podia ver isso, pois estava perto o suficiente para examinar as lousas. “Mas isso não importa nem um pouco”, pensou consigo mesma.

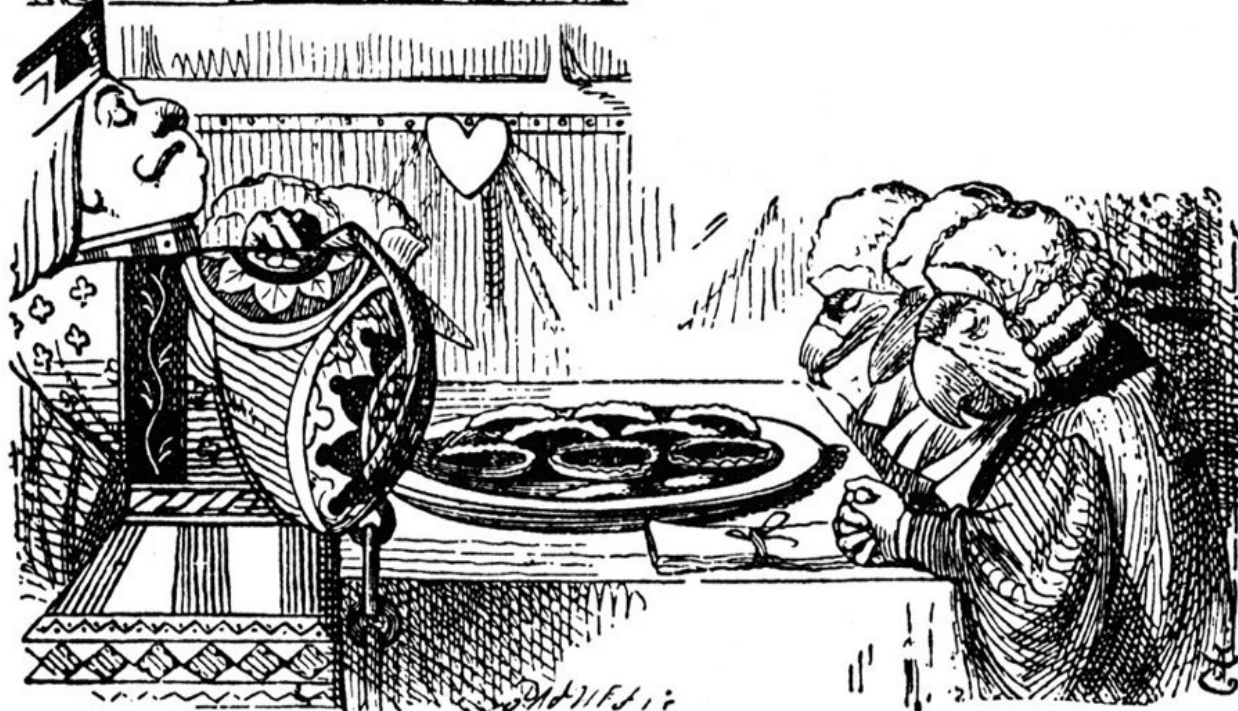
Nesse momento, o Rei, que já estava há algum tempo ocupado escrevendo em seu caderno, gritou: “Silêncio!” e leu em seu livro:

— Regra número quarenta e dois: Todas as pessoas com mais de mil e seiscentos metros de altura devem deixar a corte.

Todo mundo olhou para Alice.

— Não tenho mil e seiscentos metros de altura — afirmou Alice.

— Você tem — o Rei contrapôs.



— Quase dois mil metros — acrescentou a Rainha.

— Bem, eu não vou, de qualquer maneira — disse Alice. — Além disso, essa não é uma regra comum: você a inventou agora.

— É a regra mais antiga do livro — afirmou o Rei.

— Então deveria ser a número um — replicou Alice.

O Rei empalideceu e fechou o caderno às pressas.

— Considere seu veredito — ele pediu ao júri, em voz baixa e trêmula.

— Por favor, Majestade, ainda há mais evidências — intercedeu o Coelho Branco, pulando com muita pressa. — Esse documento acabou de ser apreendido.

— O que há nele? — perguntou a Rainha.

— Ainda não o abri — respondeu o Coelho Branco —, mas parece ser uma carta, escrita pelo prisioneiro para... para alguém.

— Deve ter sido isso — o Rei falou —, a menos que tenha sido escrito para ninguém, o que não é comum, você sabe.

— Para quem é direcionado? — um dos jurados questionou.

— Não é direcionado a ninguém, — disse o Coelho Branco. — De fato, não há nada escrito do lado de fora. — Ele desdobrou o papel enquanto falava e acrescentou: — Afinal não é uma carta; é um conjunto de versos.

— Estão escritos à mão pelo prisioneiro? — perguntou outro jurado.

— Não, não estão — o Coelho respondeu. — E isso é a coisa mais estranha.

(Todos os jurados pareciam intrigados).

— Ele deve ter imitado a escrita de outra pessoa — o Rei observou.

(O júri voltou a se animar).

— Por favor, Vossa Majestade — falou o Valete —, eu não escrevi e eles não podem provar que sim. Não há nome assinado no final.

— Se você não assinou — disse o Rei —, só piora a situação. É sinal de que com

certeza estava mal-intencionado. Caso contrário, teria assinado seu nome, como fazem os homens honestos.

Com isso, houve um bater de palmas geral: foi a primeira coisa realmente inteligente que o Rei disse naquele dia.

— Isso prova sua culpa — confirmou a Rainha.

— Não prova nada! — interpôs Alice. — Ora, vocês nem sabem do que se trata!

— Leia-o — ordenou o Rei.

O Coelho Branco colocou seus óculos.

— Por favor, Majestade, por onde devo começar? — perguntou.

— Comece do começo — falou o Rei, seriamente — e continue até chegar ao fim. Depois pare.

Estes foram os versos que o Coelho Branco leu:

“Soube que de mim com ela falaste

*E com ele foste me irritar,
Ela disse que tenho caráter e arte,
Só é pena que não sei nadar.*

*Ele mandou dizer que eu partira
(Sabíamos que era verdade).
Se ela descobrisse a mentira,
Qual seria tua realidade?*

*Dei uma pra ela, pra ele deram dois;
Tu nos deste três ou mais.
Mas a mim não chegaram jamais.
Todos voltaram para ela outra vez.*

*Se em toda essa confusão
Ela ou eu andássemos metidos,
Ele sabe que os livraria da prisão
Completamente absolvidos.*

*Sabe, eu andava desconfiado
(Antes de teu ataque)*

Que tu trocavas de lado

Entre ele, eu e nós a cada baque.

Não lhe contes que ela lhes deu sua aprovação,

Pois este sempre será

Um segredo, guardado no coração,

Entre você e teu amigo aqui.

— Essa é a evidência mais importante que já ouvimos — comentou o Rei, esfregando as mãos. — Então agora deixe o júri...

— Se alguém puder explicar isso — pediu Alice (ela cresceu tanto nos últimos minutos que não teve medo de interrompê-lo). Darei seis centavos. Não acredito que haja um átomo de significado nisso.

Todo o júri anotou em suas lousas: “Ela não acredita que exista um átomo de significado nisso”, mas nenhum deles tentou explicar o artigo.

— Se não há sentido nisso — falou o Rei —, isso salva um mundo de problemas, você sabe, pois não precisamos tentar encontrar nenhum. E, no entanto, eu não sei — continuou ele, estendendo os versos sobre o joelho e olhando-os de esguelha —, parece que, afinal, vejo algum significado neles... “Só é pena que não saiba nadar”... Você não sabe nadar, sabe? — acrescentou, virando-se para o Valete.

O Valete balançou a cabeça tristemente.

— Pareço que consigo? — ele disse. (O que certamente não parecia, sendo inteiramente feito de papelão).

— Tudo certo, até agora — o Rei notou, e continuou murmurando os versos para si mesmo: “Sabíamos que era verdade...”, esse é o júri, é claro. “Dei uma para ela, para ele dois”. Ora, isso deve ser o que ele fez com as tortas, você sabe.

— Mas, continua: “Todos voltaram para ela outra vez”, Alice observou.

— Ora, lá estão elas! — o Rei falou triunfantemente, apontando as tortas na mesa. — Nada pode ser mais claro do que isso. Então, novamente, “antes que ela ataque”; você nunca teve ataques, eu acho, minha querida? — perguntou à Rainha.

— Nunca! — A Rainha respondeu furiosamente, jogando um tinteiro no Lagarto enquanto falava.

O infeliz do Bill havia deixado de escrever em sua lousa com um dedo, pois não achou nenhuma marca, mas agora começou a usar a tinta que escorria pelo rosto apressadamente enquanto durasse.

— Então as palavras não vão te atacar — disse o Rei, olhando ao redor da corte com um sorriso. Houve um silêncio mortal. — É um trocadilho! — o Rei acrescentou com raiva, e todos riram. — Que o júri considere seu veredito —

pediu pela vigésima vez naquele dia.

— Não, não! — exclamou a Rainha. — Sentença primeiro, veredito depois.

— Que besteira! — Alice gritou bem alto. — Que ideia absurda é essa de apresentar a sentença antes do veredito?

— Segure sua língua! — a Rainha ordenou, ficando roxa.

— Eu, não! — respondeu Alice.

— Cortem-lhe a cabeça! — A Rainha gritou com o máximo da voz. Ninguém se mexeu.

— Quem se importa com você? — interpôs Alice (ela já havia crescido ao seu tamanho real). — Você não passa de um baralho de cartas!

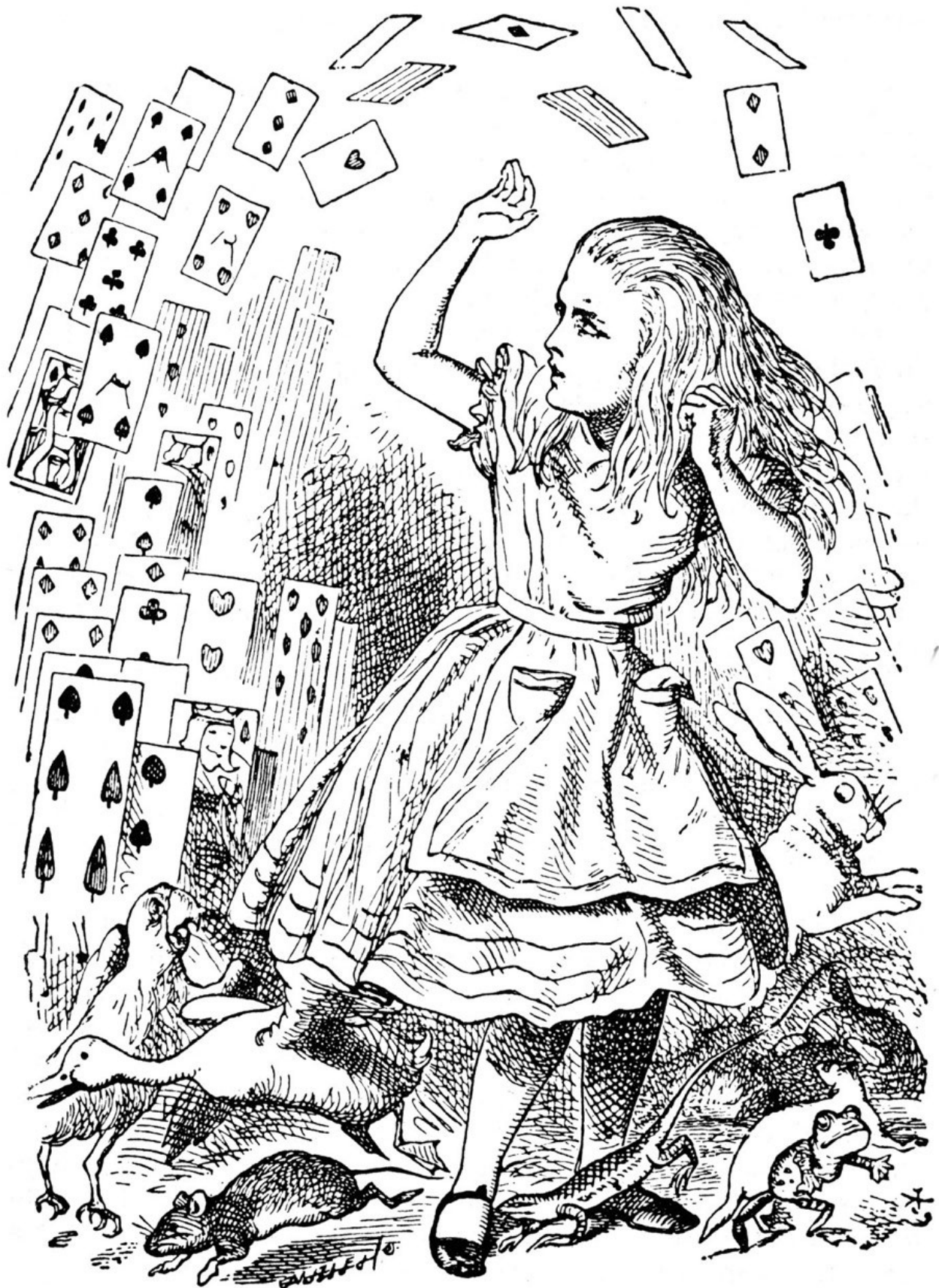
Com isso, todo baralho se levantou e voou sobre ela que deu um gritinho, meio de medo e meio de raiva, e tentou se livrar deles. Ela se viu deitada no banco, com a cabeça no colo da irmã, que estava gentilmente tirando do seu rosto algumas folhas mortas que tremulavam das árvores.

— Acorde, Alice, querida! — disse a irmã. — Ora, que sono prolongado você teve!

— Ah, eu tive um sonho tão curioso! — exclamou Alice. E ela contou à irmã, quão bem podia se lembrar de todas essas estranhas aventuras sobre as quais acabou de ler. Quando terminou, sua irmã a beijou e disse:

— Certamente foi um sonho curioso, querida. Mas agora corra para o seu chá, está ficando tarde.

Então Alice se levantou e correu, pensando enquanto corria, que sonho maravilhoso havia sido.



Mas sua irmã ficou sentada enquanto ela foi embora, apoiando a cabeça na mão, observando o pôr-do-sol e pensando na pequena Alice e em todas as suas maravilhosas aventuras, até que ela também começou a sonhar de certa maneira, e esse era o seu sonho:

Primeiro, ela sonhou com a pequena Alice – mais uma vez, as mãos minúsculas apertavam seu joelho e os olhos brilhantes e ansiosos a olhavam, ela podia ouvir os tons de sua voz e ver aquela pequena e estranha sacudida da cabeça para afastar o cabelo errante que sempre entrava em seus olhos – e mesmo assim, enquanto ela ouvia, ou parecia ouvir, todo lugar ao seu redor ficou vivo com as estranhas criaturas do sonho de sua irmãzinha.

A grama alta farfalhou aos seu pés quando o Coelho Branco passou apressado... o assustado Rato atravessando a lagoa vizinha. Ela podia ouvir o barulho das xícaras de chá enquanto a Lebre de Março e seus amigos compartilhavam sua eterna refeição; e a voz estridente da Rainha ordenando que seus infelizes convidados fossem executados mais uma vez; o bebê-porco estava espirrando no joelho da Duquesa, enquanto prato atrás de prato eram jogados em torno deles. Mais ainda, o grito do Grifo, o ranger do lápis na lousa do Lagarto, os engasgos reprimidos dos porquinhos-da-índia encheram o ar, misturados com os soluços distantes da miserável Tartaruga Falsa.

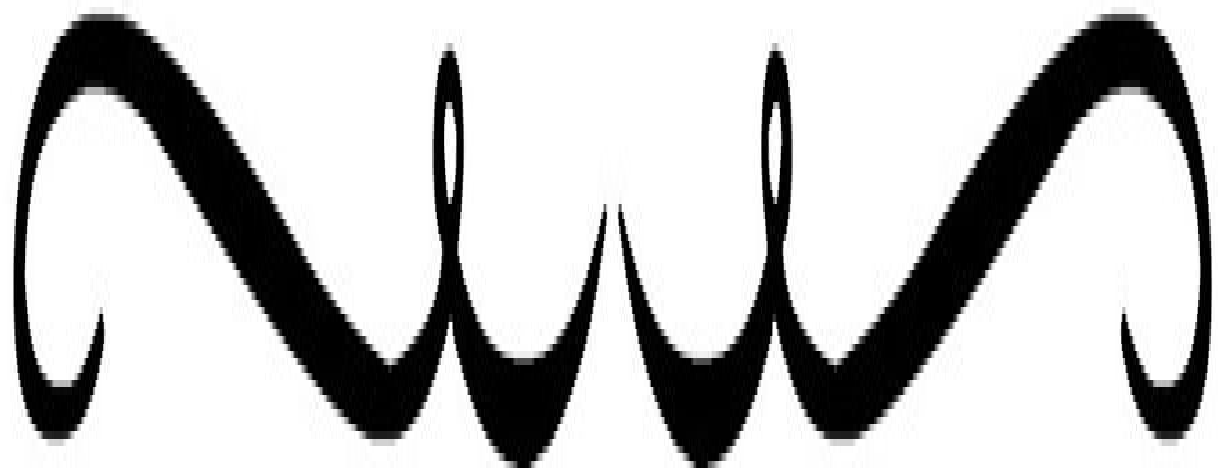
Então ela se sentou, com os olhos fechados, e quase acreditou no País das Maravilhas, embora soubesse que teria que abri-los novamente e tudo mudaria para uma realidade enfadonha – a grama só estaria farfalhando ao vento, e a lagoa ondulando no acenar dos juncos; as xícaras de chá barulhentas mudariam para sinos tilintantes de ovelhas, e a estridente voz da Rainha ordenaria à voz do

pastor; o espirro do bebê, o grito do Grifo e todos os outros ruídos estranhos mudaria (ela sabia) para o clamor confuso do quintal da fazenda, enquanto o mugir do gado a distância ocuparia o lugar dos soluços pesados da Tartaruga Falsa.

Por fim, imaginou como essa mesma irmãzinha, posteriormente, seria uma mulher adulta; e como ela manteria, durante todos os seus anos mais maduros, o coração simples e amoroso de sua infância. Como ela se reuniria com seus filhos pequenos e tornaria seus olhos brilhantes e ansiosos com muitas histórias estranhas, talvez até com o sonho do País das Maravilhas de muito tempo atrás. E como ela se sentiria com todas as suas simples tristezas, e sentiria prazer em todas as suas simples alegrias, lembrando-se da própria vida infantil e dos felizes dias de verão.

FIM

Curiosidades





Escritor, lógico e matemático britânico, Charles Lutwidge Dodgson se formou na faculdade Christ Church, da Universidade de Oxford. Adotou o pseudônimo Lewis Carroll, como ficou conhecido e é chamado até hoje. Durante o tempo na Universidade, sempre se mostrou bastante interessado e esforçado, tanto que chegou a ganhar uma medalha de honra ao mérito. Devido ao seu desempenho como matemático, ao acabar o seu curso, foi convidado pela universidade para trabalhar lá como professor de matemática.

Desde a infância o escritor gostava de escrever e inventar brincadeiras, divertindo os irmãos com poemas, desenhos e charadas. Tímido e gago, cultivava amizades com crianças e dizia que elas davam mais atenção às suas histórias que as pessoas de sua idade. Era apaixonado por vários tipos de jogos, tanto que inventou um grande número de enigmas, jogos matemáticos e de lógica; gostava de teatro e era frequentador de ópera, e manteve uma amizade por toda a vida com a atriz Ellen Terry.





Alice Liddell (foto) foi a inspiração de Carroll para criar Alice no País das Maravilhas.

A história de Alice no País das Maravilhas originou-se em 1862, quando Carroll fazia um passeio de barco no rio Tâmesa com sua amiga Alice Pleasance Liddell (com 10 anos na época) e as suas duas irmãs, sendo as três filhas do reitor da Christ Church. Ele começou a contar uma história que deu origem à atual, sobre uma menina chamada Alice que ia parar em um mundo fantástico após cair numa toca de um coelho. A Alice da vida real gostou tanto da história que pediu que Carroll a escrevesse. Ele atendeu ao pedido e em 1864 surpreendeu-a com um manuscrito chamado *Alice's Adventures Underground*, ou *As Aventuras de Alice Embaixo da Terra*, em português.

Mais tarde ele decidiu publicar o livro e mudou a versão original, aumentando de 18 mil palavras para 35 mil, acrescentando as cenas do Gato de Cheshire e do Chapeleiro Louco (ou Chapeleiro Maluco). A segunda tiragem esgotou-se nas vendas rapidamente, e a obra se tornou um grande sucesso, tendo sido lida por Oscar Wilde e pela rainha Vitória e tendo sido traduzida para mais de 50 línguas.

Em 1998, a primeira impressão do livro (que fora rejeitada) foi leiloadada por 1,5 milhão de dólares americanos.

Winnipeg

Ambos os livros infantis de Carroll contêm inúmeros problemas de matemática e lógica ocultos no seu texto. Carroll colocou uma série de probleminhas matemáticas em sua obra, mas eles passam batidos para a maioria dos leitores, já que só fazem sentido em inglês e contêm muitas piadas e trocadilhos da época. Um exemplo é quando Alice encontra com o Grifo no nono capítulo do livro. Ela pergunta por quantas horas ele estuda por dia, ao que ele responde: “Dez horas no primeiro dia, nove no seguinte, e assim por diante”, então ela conclui corretamente: “Nesse caso, no décimo-primeiro dia era feriado?”.



Uma de suas frases mais marcantes era “Gosto de crianças (exceto meninos)”. Quando tinha oportunidade, gostava de desenhar ou fotografar meninas seminuas, com a permissão da mãe. “Se eu tivesse a criança mais linda do mundo para desenhar e fotografar”, escreveu, “e descobrisse nela um ligeiro acanhamento (por mais ligeiro e facilmente superável que fosse) de ser retratada nua, eu sentia ser um dever solene para com Deus abandonar por completo a solicitação”.

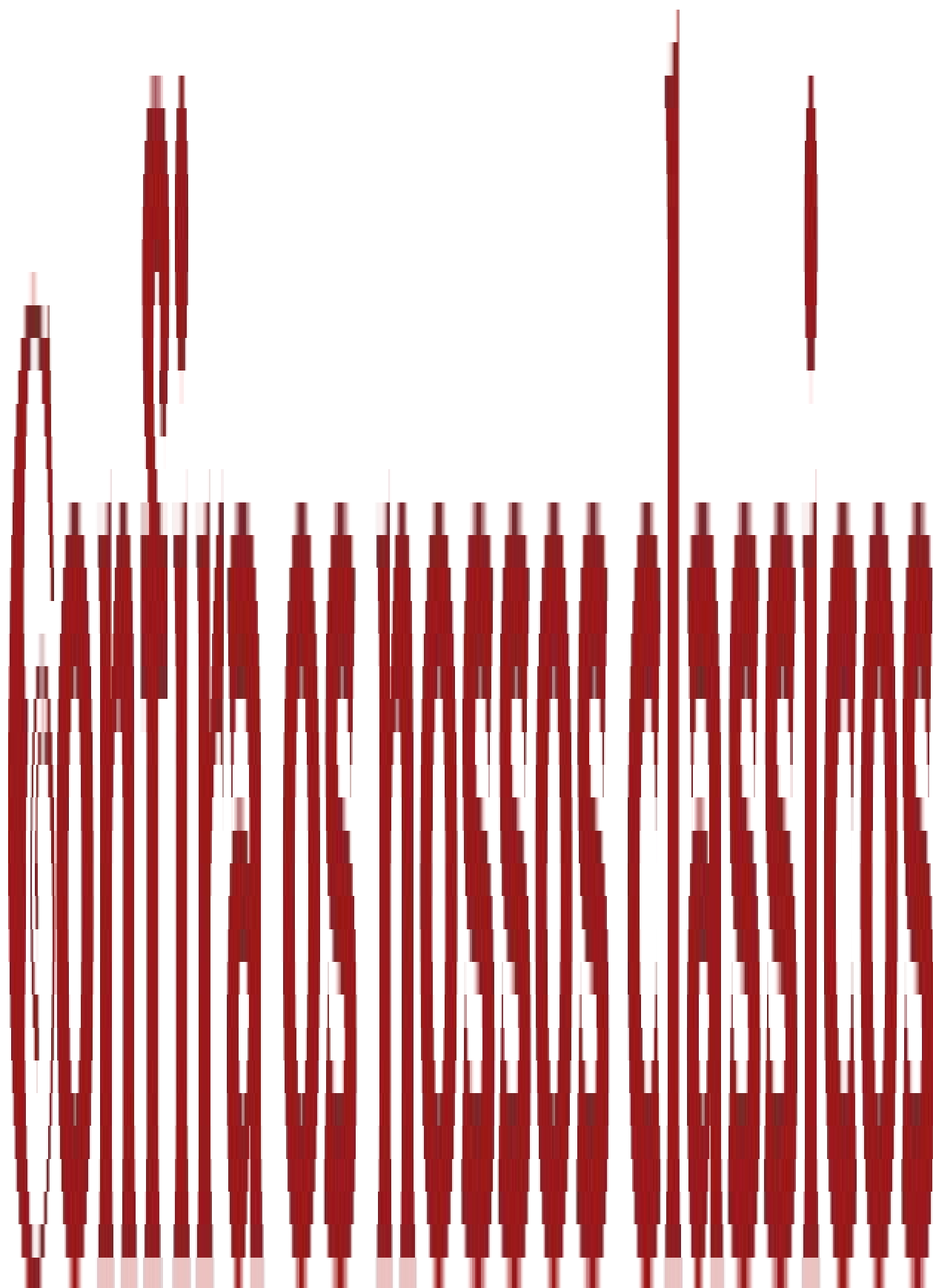
Por temor que estas imagens desnudas criassem embaraços para as meninas mais tarde, pediu que após a sua morte fossem destruídas ou devolvidas às crianças ou a seus pais. Quatro ou cinco fotos ainda sobrevivem. Uma delas é possível encontrar no livro “Pleasures Taken - Performances of Sexuality and Loss in Victorian Photographs” da autora Carol Mavor. Na página 12 do livro é possível encontrar a foto da menina Evelyn Hatch, 1878 (fotografada totalmente nua) como também referências ao trabalho fotográfico de Lewis Carroll.

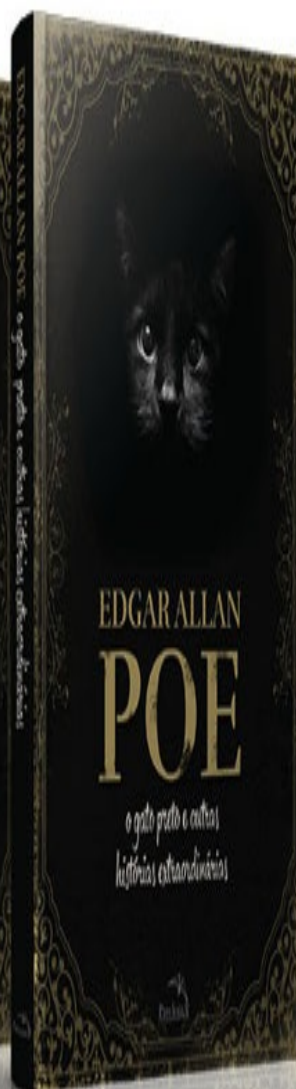
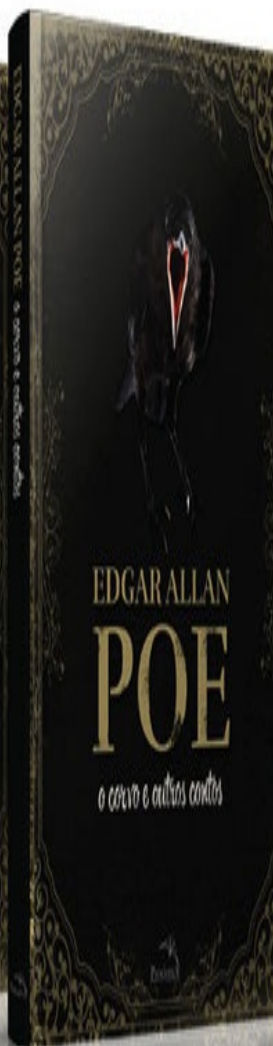
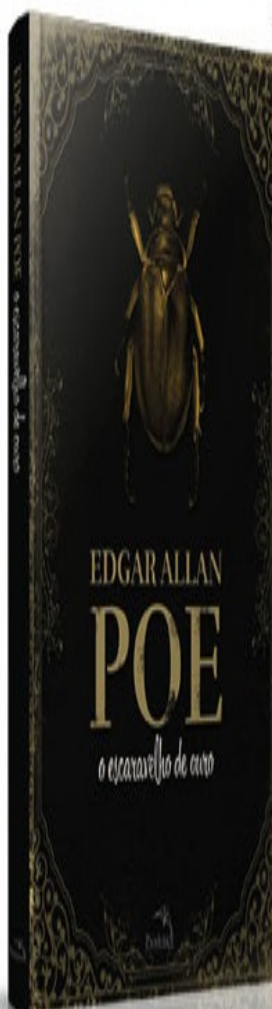
Em outro livro intitulado “Cartas às suas amiguinhas” da editora Sette Letras, o conteúdo das cartas de Lewis Carroll às meninas com quem ele se relacionou é analisado de forma fria e racional e revela uma intimidade fora do comum entre Lewis e as meninas que ele fotografou.



Faleceu em Guildford em 14 de janeiro de 1898. Encontra-se sepultado no Cemitério de Guildford, na Inglaterra.





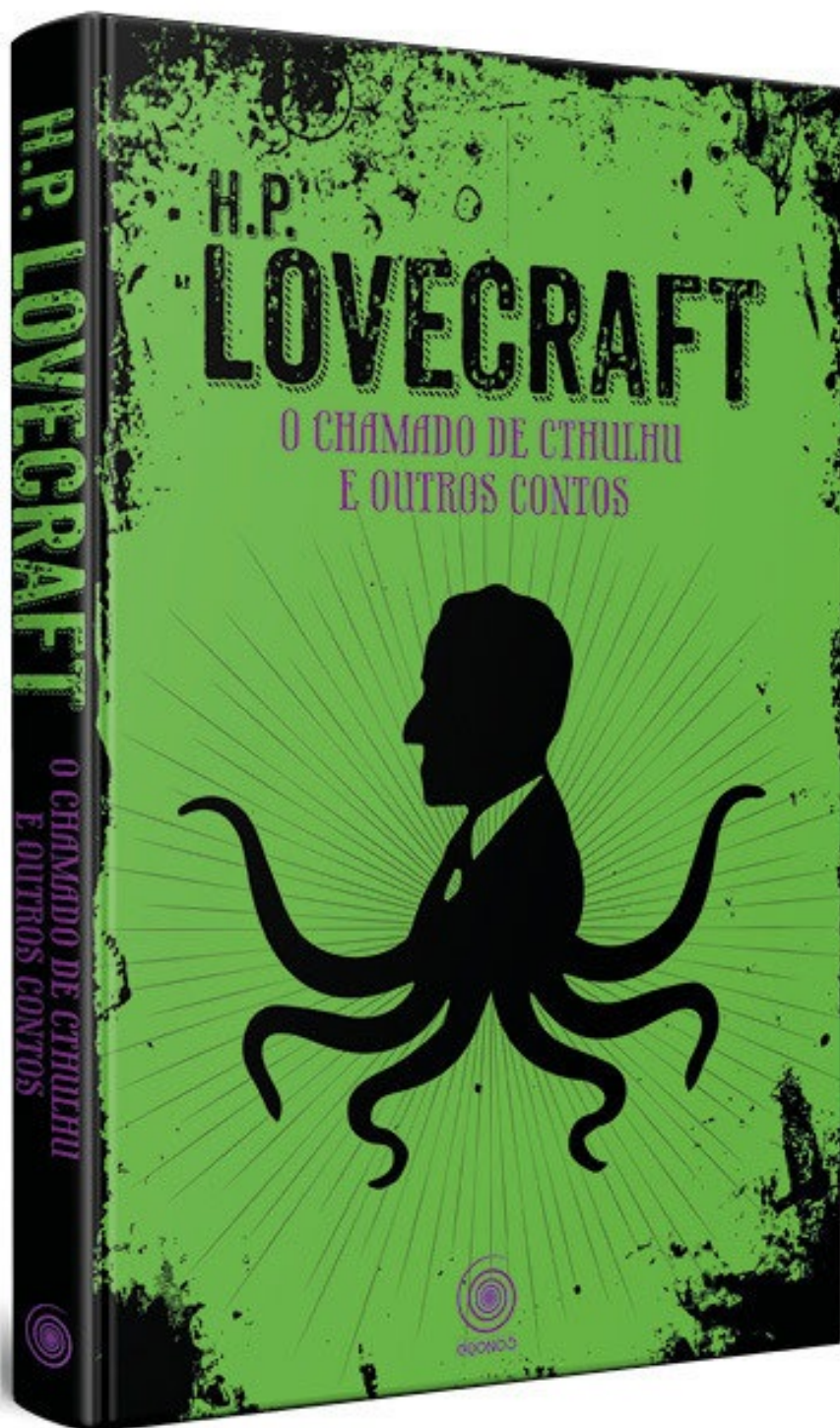


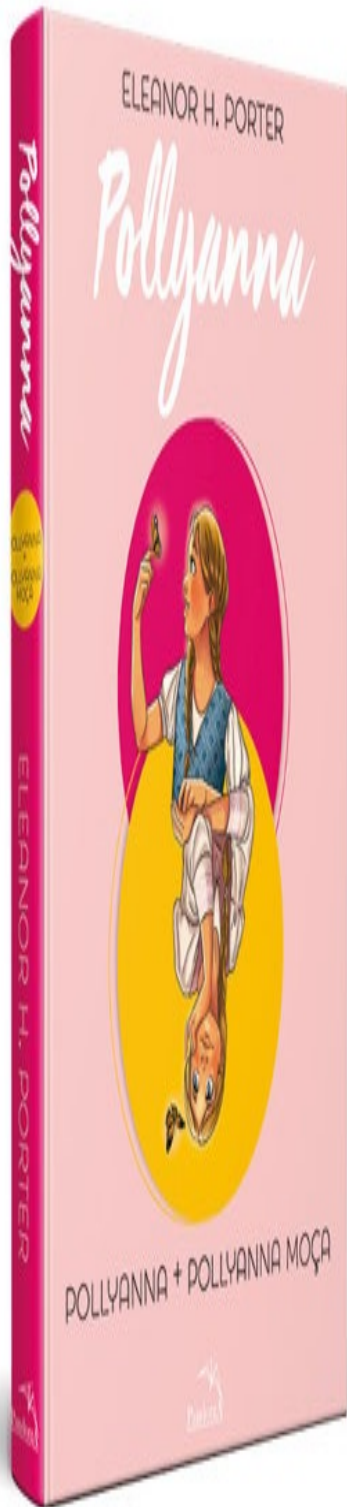












INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS



editorapandorga.com.br



[/editorapandorga](https://www.facebook.com/editorapandorga)



[pandorgaeditora](https://www.instagram.com/pandorgaeditora)



[editorapandorga](https://twitter.com/editorapandorga)

